



QUEIMADOS

LUIZ GUILHERME SANTOS NEVES

Luiz Guilherme Santos Neves

QUEIMADOS

Vitória, ES, 2021

Tertúlia

LIVROS E AUTORES DO ESPÍRITO SANTO

© 1977 Luiz Guilherme Santos Neves
2ª edição: 2021

Capa

Feita sobre capa original de Ronaldo Nascimento Alvim

Digitalização

Wilson Coelho e Pedro J. Nunes

Revisão e preparação de texto

Pedro J. Nunes

Capa e projeto gráfico

Edições Tertúlia Online

NEVES, Luiz Guilherme Santos Neves

Queimados: documento cênico / Luiz Guilherme Santos
Neves - Vitória: Edições Tertúlia Online; 2021. 2ª ed.

1. Literatura brasileira. 2. Peça teatral. I. Título.

Todos os direitos reservados. A reprodução de qualquer parte desta obra, por qualquer meio, sem autorização do autor ou da editora constitui violação da LDA 9610/98.

Luiz Guilherme Santos Neves

QUEIMADOS
:: documento cênico ::

Registrado sob o número 15.793 na Sociedade Brasileira
de Autores Teatrais.

Vitória, ES, 2021

EU E *QUEIMADOS* - DOCUMENTO CÊNICO

Luiz Guilherme Santos Neves

A peça *Queimados* foi publicada uma única vez em edição datada de 1977 contando com sugestiva capa assinada por Ronaldo Nascimento Alvim.

Escrevi-a em férias, na praia de Meaípe, em Guarapari, no Carnaval daquele ano. A iniciativa e o múnus da edição eu as devo ao jornalista Edgar Cabidelli. A edição foi acrescida de Apêndice com poema da autoria de Reinaldo Santos Neves e pauta musical elaborada pela professora Terezinha Dora A. de Carvalho sobre os cânticos da peça.

Por que o título *Queimados* foi adotado no plural, nem eu sei dizer, tendo em vista que a motivação da peça foi o episódio histórico da Insurreição do Queimado, a revolta de negros escravizados ocorrida na Serra, ES, em 1849. Talvez porque me soasse melhor como um possível e pretensioso chamariz para atrair público, se um dia viesse a ser encenada.

A expressão “documento cênico” foi sugerida por Toninho Neves, um dos primeiros a ler o texto. Aceitei-a sem tergiversações, pois, neófito era eu na escritura para teatro enquanto Antônio Neves, meu primo, tinha larga experiência teatral tanto quanto isso era possível na Vitória de então. Teria ele enxergado no

texto que leu os elementos de “poética” que, com agudeza de análise e muito maior profundidade, foram assinalados por Wilson Coêlho em recente estudo publicado na revista FERNÃO, da UFES? (1)

E quanto à encenação, a peça saiu do papel?

Do meu conhecimento, apenas duas vezes. Uma no Teatro Carlos Gomes, de Vitória, como parte de uma semana de exposições teatrais de autores capixabas, se a memória não me falha.

Compareci no dia da estreia como autor discretíssimo junto com cinco outros acompanhantes. Foi todo o público daquela noite.

Felizmente, um desses acompanhantes solidários era o meu querido amigo João Felício dos Santos, escritor de projeção nacional que se dedicava à elaboração de romances baseados na história do Brasil e que se encontrava em visita a Vitória. Escrevi felizmente porque deixei soprada no espírito de Felício a sugestão para que ele escrevesse um romance sobre a Insurreição do Queimado, o que veio a acontecer mais tarde com a publicação de Benedita Torreão da Sangria Desatada.

A segunda vez em que fui assistir à exibição de *Queimados* foi como parte das atividades culturais, se não me engano, no Circo da Cultura, armado na cidade

da Serra, sob a organização da professora Sonia Demoner.

As apresentações se verificavam sob uma grande tenda circense. Entrei de mansinho, e, de mansinho, me postei a esperar o início do espetáculo. Diferentemente do fracasso da exibição no Teatro Carlos Gomes, um público apreciável, em sua maioria de estudantes dispensados das aulas noturnas, lotava a arquibancada. Dado o sinal para o início do espetáculo, entraram dois jovens artistas amadores, brancos, trajando apenas calças claras apertadas nas canelas, peitos à mostra, ambos carregando uma espingarda pendente da mão.

Um deles abriu a apresentação com a fala inicial: - “Sou negro, tão negro como a noite é negra...” provocando, de pronto, uma gargalhada coletiva que explodiu da arquibancada, por óbvio porque nenhum dos dois era negro.

Paralisados pela inesperada reação do público, os dois desamparados atores emudeceram. Foi o bastante para que alguém entrasse na arena e repreendesse o público pedindo educação e silêncio para que a peça tivesse início.

Com isso, saíram os dois atores e de novo voltaram à cena. E de novo veio a fala: “Sou negro, tão negro como a noite é negra...” E de novo, impiedosamente, ecoou, uníssono, o gargalhar geral.

Eu, autor encorujado em meu anonimato, escapei de mansinho, como de mansinho havia entrado no circo na cultura. Soube depois que a peça logrou chegar ao fim.

Não tenho conhecimento de outras apresentações de *Queimados*, que mergulhou no ostracismo com edição esgotada, o que não é de estranhar, visto que a primeira foi reduzidíssima.

Eis que agora, por generosa iniciativa de Wilson Coêlho e de Pedro J. Nunes, o texto recebe segunda edição digitalizada para o site Tertúlia Capixaba. Recebe assim nova e mais ampla divulgação que me sensibiliza e a que muito agradeço.

(1) Um dos elementos da descrição da tragédia na Poética [de Aristóteles] que se encontra presente e com frequência em *Queimados* é o coro, como personagem coletiva que cumpre o papel de contar partes significativas do drama. Ora como “cantos de cena” narrando situações, ora como kómmói, que são cantos de lamento recolhidos tanto do folclore capixaba quanto do cancionero popular brasileiro. COÊLHO, Wilson. “Aspectos da tragédia em *Queimados*: documento cênico” in FERNÃO [recurso eletrônico] / Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Letras, ano 3, n.5 (2010) Vitória: UFES, ppgl - 2019. Modo de acesso <http://periodicos.ufes.br/fernao>. Consulta em 02/07/2021.

Tertúlia

LIVROS E AUTORES DO ESPÍRITO SANTO

1º ATO

Compõe-se de um ato e seis cenas

A NOITE DA VÉSPERA

Antes do início da peça, ainda com as cortinas cerradas, vozes em coro:

“ - SOU NEGRO,
TÃO NEGRO COMO A NOITE É NEGRA,
NEGRO COMO AS PROFUNDEZAS DA MINHA ÁFRICA!”
 (“Prelúdio” - Langston Hughes)

Em seguida, com as cortinas ainda cerradas, entra um anunciante e lê:

“FREGUESIA DE SÃO JOSÉ DO QUEIMADO

Foi criada pela Lei Provincial nº 9 de 1846.

LIMITES - Divide-se de conformidade com as leis provinciais nº 12, de 1850 e nº 6 de 1856, com a freguesia da Serra pelo rio Tangui e porto do Una, seguindo a margem do brejo até a ponte do mesmo nome, e em linha reta até a estrada de São José na ladeira das pedras compreendendo todo o Itapocu e todo o Caioaba. Separa-se da freguesia de Cariacica pelo rio Tauha até Boapaba e daí pela lagoa do Cambe até o rio Calambá em direitura ao centro”.

(Abrem-se as cortinas. Em cena, encontra-se Elysiário. Revela apreensão. Dele se aproxima Carlos. Daí em diante a cena, que se passa à noite, no meio da mata, desenrola-se reunindo alguns dos principais chefes da insurreição. O clima é de conspiração.)

ELYSIÁRIO - Boas novas?

CARLOS - (Que entra) - Boas novas. O Josino vem mais o Corcunda.

ELYSIÁRIO - E o Chico Prego? E os demais chefes?

CARLOS - O Chico ganhou as bandas do Santa Maria. Foi passar as derradeiras ordens no seio dos cativos nas fazendas daqueles lados. João Pequeno e João da Viúva estão correndo o Queimado e a Serra.

ELYSIÁRIO - Levam recomendação de hora?

CARLOS - Avisei a eles: a hora é a hora da missa. Na manhã do amanhã. O recomendado é chegar antes e formar grupos, sem alvoroço.

ELYSIÁRIO - O combinado é este: não fazer revelação de movimento, passar no despercebido, ir chegando cada um no seu calado, no silêncio do passo.

CARLOS - Pois foi o que avisei.

CORCUNDA - (Entrando acompanhado de Josino o dirigindo-se a Elysiário) - Chefe Elysiário, topei o Josino. Estava na fazenda do capitão Rodrigues Velho. O Chico passou lá e largou aviso. Josino estava no aguardo.

ELYSIÁRIO - (Para Josino) - Acheга, irmão Josino. Boto agrado

na sua presença. Carecemos confabular. O irmão sabe: a hora é chegada, o dia é amanhã. (Dirigindo-se ao Corcunda) - Corcunda, retorna à ronda e fica de vigilante. (Corcunda retira-se).

JOSINO - Somente vim para assuntar. Não trago ideia formada. Primeiro preciso tomar pé, entrar nas miudezas do plano, conhecer os possíveis e os impossíveis. No oportuno delibero.

ELYSIÁRIO - Pois então, assenta, irmão. Vou relatar os pormenores, dar ciência do detalhamento. O Carlos acompanha o meu relato, O irmão tem pressa?

JOSINO - Não trago outra incumbência. Vim para o atendimento do chamado. Fala.

ELYSIÁRIO - Assim é bom. A noite está nos começos e sobra tempo antes do sol nascer caso o irmão aprove a arrumação do planejado. A data marcada é amanhã, dia dezenove, dia da guarda de São José. O irmão sabe, cativo nenhum desconhece nas redondezas: a igreja está no ponto da inauguração. Quando a lua sair vai ser possível enxergar a boniteza da obra, aqui no perto, no distanciamento de cem passos. Foi serviço dos cativos, ajuntação dos pretos saídos da Serra, do Queimado, do Mangaráí... Fizemos ela de pedra e massa cozida; puxamos os muros do chão; trançamos as madeiras da cobertura; ligamos os paus das janelas e das portas; cobrimos com as telhas. Depois, pintamos ela com a cal branca e virgem. Tudo feito com redondeza de carinho, com largura de afeição, os cativos em mutirão de trabalho nas noites de lua e dias de santificação. Cativo trabalhando e cantando no noturno da noite para sacudir

a canseira. E a igreja crescendo, direita e bonita. O irmão Josino sabe como se deu, também prestou auxílio, não ignora o relatado.

JOSINO - Tanto eu como os demais cativos do capitão Rodrigues Velho fizemos a nossa parte. Caminhamos longos caminhos para pisar o chão do Queimado e dar auxílio na igreja.

ELYSIÁRIO - Pois então. O povaréu todo destas circunstâncias se consumiu de trabalhar irmanado na finalidade da obra.

CARLOS - Agora, a hora é chegada de receber a recompensa...

ELYSIÁRIO - Mas, porém, o irmão Josino nega comparecimento. Recusa a presença da sua pessoa e dos restantes cativos do capitão Rodrigues Velho que comanda.

JOSINO - Deveras. A ajuda na obra da Igreja foi com intenção de paz, homenagem a São José, padroeiro do Queimado. Não levava pensamento de guerra, nem arriscamento de morte.

CARLOS - No todavia, tinha a promessa do frade.

JOSINO - A promessa de libertação dos cativos? Não desconheço. Foi a força da união dos obreiros mas sem carecença de guerra, de rebeldia. Haverá de ser coisa partida lá dele, do frade, para recompensar os cativos, os ajudantes da construção da igreja.

ELYSIÁRIO - O frade prometeu a liberdade da alforria. Disse que ia arranjar a liberdade dos cativos que servissem a Deus e a religião.

CARLOS - Ele falou no agrado do santo São José vendo a feitura da igreja, um luxo de obra que valia a paga da alforria.

ELYSIÁRIO - Ele tinha acerto com a rainha dona Maria Cristina. Na inauguração da igreja, no dia do amanhã, ia fazer a comunicação, anunciava a alforria.

CARLOS - Liberdade para todos: para mim, para Elysiário, para Chico Prego, João Pequeno e João da Viúva e também para Josino e sua gente.

JOSINO - Acaso o frade falhou? Carece de haver ação rebeliosa?

ELYSIÁRIO - Sei não. Peguei na desconfiança...

JOSINO - Por que o nascimento da desconfiança?

ELYSIÁRIO - Garrei de pensar que o frade podia querer mudar a promessa, amolengar a vontade, aguar o combinado. Por causa dessa desconfiança arregimentei os cativos, fiz pregação do plano de ajuntamento na frente da igreja, amanhã, na hora da missa. Assim, embolam todos lá, na porta da igreja, diante dos fazendeiros e do frade que é para ele não faltar o prometido e não tomar decisão em desfavor dos cativos por respeito aos donos dos escravos.

JOSINO - O irmão procurou esclarecimento com o frade da desconfiança surgida?

ELYSIÁRIO - Desconfiança não se revela, irmão. A gente guarda

dentro da alma e fica de olho aberto, esperando, na prontidão.

JOSINO - E para o plano tem precisão das armas?

ELYSIÁRIO - Pelo sim, pelo não. Para imposição de respeito e para convencimento dos indecisos.

CARLOS - Com os cativos armados o frade pode botar medo nos fazendeiros e pelo assim pedir a autorização da alforria.

ELYSIÁRIO - Mas se Deus for servido as armas não vão cuspir fogo não. As armas são para dar susto, um sustinho besta nos teimosos, se carecer.

JOSINO - São muitas as armas?

ELYSIÁRIO - O bastante para a necessidade do que foi falado.

CARLOS - Foram de obtenção difícil. Um roubo aqui, outro ali. Beleza de estrago fez o João da Viúva no arsenal de Vitória: dez espingardas de uma mãozada, num assaltamento matreiro que até hoje não ganhou explicação do comandante militar.

JOSINO - E o irmão espera resultado seguro?

ELYSIÁRIO - Basta firmar o pensamento na coisa, querer forte que ela acontece. Depois, tem a união de todos. Só falta o irmão Josino com os pretos da fazenda do capitão Rodrigues Velho...

JOSINO - Sei não. Pode dar certo não, haver alcaguetagem, estalar debandamento nas fileiras dos cativos...

CARLOS - O chefe Elysiário tomou precaução de resguardo, o plano ficou em segredo.

ELYSIÁRIO - Foi conjuração bem tramada. Os fazendeiros estão na ignorância dos preparatórios. Desconhecem a urdidura do traçado. Tudo feito no abafado, sem desconfiança.

CARLOS - Se era para haver delação já se sabia. Estamos alerta, com vigilância plantada em toda parte, nos caminhos e nas fazendas.

ELYSIÁRIO - O chefe Carlos está certo. Qualquer traição já tinha sido sabida. O plano não vai dar no perdido.

CARLOS - Os cativos estão na querença da alforria. Não vão acovardar. Confiam na chefia. Acreditam no frade.

ELYSIÁRIO - Tem raça de muito povo metido nisso. Tem cativo do Queimado que presta respeito a João Pequeno; tem cativo do comando de João da Viúva; tem o povo do Chico Prego, lá dos cantões do Santa Maria. É gente muita.

CARLOS - Tem ainda expedição que não demora chegar de São Mateus e Viana, tudo disputante, bandéu de aderentes. É reforço de quilate com espingardio e munição.

ELYSIÁRIO - O irmão Josino não pode ficar sobrando, não pode ser a ovelha tresmalhada. Não deve o irmão perder a ocasião. Sua presença é valorosa.

CARLOS - Com o irmão entram também, na imitação do exemplo, os cativos da fazenda do Capitão Rodrigues Velho.

ELYSIÁRIO - Cresce o montante dos participantes, todos ligados na semelhança do propósito: a liberdade!

CORCUNDA - (Entrando e avisando) - Aviso aos confabulantes que está vindo o João da Viúva. (Sai em seguida).

JOÃO - Salve, chefe Elysiário. Salve, chefe Carlos. Salve, Josino.

ELYSIÁRIO - Acampa, cabo. Que novas são trazidas?

JOÃO - Porto boas novas: aprontei os detalhamentos do plano mais o João Pequeno. Varemos as fazendas da Serra passando instrução. No amanhã os cativos vão desabar no Queimado antes do sol nascer. O João Pequeno ficou lá no meio deles no pernoite.

ELYSIÁRIO - O cabo João viu movimento nas fazendas?

JOÃO - Nenhumzinho. Não desponta a menor agitação. É calma dos anjos. O plano não padece perigo.

ELYSIÁRIO - E dos cativos do capitão Rodrigues Velho que notícia traz?

JOÃO - Não pisei as terras do capitão. Conheci da boca de informante que os cativos do capitão estão no aguardo da palavra do Josino. Se pelo sim, se pelo não. O Josino deu decisão?

CARLOS - O Josino está assuntando a segurança do plano.

ELYSIÁRIO - O João sabe informar do destino do Chico Prego?

JOÃO - O Chico foi fechar o corpo no terreiro do Pai Luanda. Mandou aviso que chega amanhã na boca da aurora, trazendo os cativos das fazendas do Santa Maria. Vem para assumir o lugar no comando geral.

JOSINO - (Estranhando) - O comandante é o Chico?

ELYSIÁRIO - No lado de fora da igreja, é. Como sabe o irmão, eu tenho a confiança do frade. Por isso vou ficar na roda da saia dele, dentro da igreja, pra ele não botar esquecimento na promessa.

JOSINO - E o chefe Carlos?

ELYSIÁRIO - Está no previsto: o Carlos é o imediato, o segundo no comando, encarregado de deitar ordem nas fileiras dos cativos.

CARLOS - Sobra o Chico Prego na linha de frente e ainda o João como segunda pessoa do Chico.

JOSINO - Uma coisa não entrou no meu entendimento.

ELYSIÁRIO - Qual é?

JOSINO - O irmão Elysiário disse que vai ficar na igreja; na saia do frade. O Carlos fica na cobertura das fileiras. Os demais, que são o Chico e o João, ficam perto da igreja, na linha de frente, esperando notícia. Então, qual vai servir de informante e dar aviso das ocorrências dentro da igreja? Vai o irmão Elysiário ficar no entra-e-sai, no leva-e-traz?

ELYSIÁRIO - Irmão, não. O pensamento é o irmão Josino servir nessa incumbência. O previsto é o irmão ser o portador das informações. Ir e vir na precisão da necessidade.

CARLOS - Não vai levantar suspeita um irmão falar com outro dentro da igreja mesmo sendo cativos. E, assim, ficam os de fora sabendo o que sucede no lado do padre e o chefe Elysiário o que passa no lado dos cativos.

JOÃO - A missão do Josino é de grande importância.

CARLOS - O Josino vai ser ungido de comando, na chefia dos cativos do Capitão Rodrigues Velho...

ELYSIÁRIO - (Inquirindo Josino firmemente) - Que diz o irmão?

JOSINO - (Após curto intervalo, decidindo) - Consinto.

CENA APÓS A NOITE DA VÉSPERA

A cena abre com os seguintes versos cantados pelo coro:

Os pretos cativos
Querendo ser forros
Usavam cabelos
d'altura dos morros.

Pomada d'“ulanda”
Fazia murrinha
Em cima do couro
E da carapinha.

Camisa engomada
Chapéu de “lemar”
diziam que os negros
iam-se acabar.

Sapatos de sola
que faz “ringindô”
andavam na roça
como se fossem “dotô”.

Em seguida, o quadro começa tendo em cena Josino e Chico Prego. O primeiro acaba de sair da igreja e vem ao encontro do companheiro. No palco, em um dos cantos, fica o pórtico da igreja. Diante do pórtico, o átrio onde a cena se desenrola.

CHICO - Avistou o chefe?

JOSINO - Falei com ele. A ordem dada é aguardar. Quando a missa entrar vem o aviso da alforria. Elysiário informou de acordo com o padre.

CHICO - Como estão lá na igreja?

JOSINO - Tem gente em quantidade. O dia é de festa. Estão os fazendeiros com as mulheres e os filhos. O padre está aprontando a roupa da missa. (Indaga, preocupado). - O Carlos é chegado?

CHICO - Não deve de tardar. Foi repassar recomendação junto dos cativos que estão a caminho.

JOSINO - É bom que não pegue atraso.

CHICO - Não carece preocupação, Josino. No prazo certo ele vem.

JOSINO - Os demais chefes estão amoitados?

CHICO - (Apontando para os arredores) - Estão tudo aí com os cativos no agachamento dos matos. O povo do João Pequeno mais o povo do João da Viúva. Na hora do aviso da alforria vão dar as caras num escarcéu medonho de satisfação. É bastante o padre declarar a liberdade.

JOSINO - Antes, porém, ninguém deve fazer aparição para não atrapalhar o andamento do plano. Elysiário passou essa ordem. Deve de ser seguida. Os cativos estão avisados?

CHICO - Todo mundo está avisado. Fiz correr instrução no meio deles. Estão aflitos, porém contidos.

JOSINO - Botou comedimento no João da Viúva? É cativo de afoiteza, estabanado como o vento...

CHICO - O João vai segurar os ímpetos. Não vai cometer besteira. (Entra João revelando impaciência. Traz uma espingarda na mão).

JOÃO - Há de demorar a espera?

CHICO - Pelo recado do Chefe Elysiário, a demora vai ser até a missa entrar.

JOÃO - Minha expedição está incontida. Acampamos cedo no Queimado, na dianteira dos outros.

JOSINO - (Preocupado) - O companheiro João deve de travar a irritação. Submeter a impaciência, botar controle nos nervos.

JOÃO - O controle eu tenho mas a enervância é grande. De já muito espero esta abençoada alforria. Se calhasse de ter envergado farda de soldado como sopite há mais de ano já podia ser preto forro. Todos vocês sabem que era de meu gosto entrar no exército do Imperador, ir combater nas guerras do Sul. Se tinha vindo essa riqueza de autorização o João da Viúva estava agora baixado noutras paragens, lampeiro e livre, que conforme é sabido a rainha dona Maria Cristina concede alforria pros cativos que vestem farda de soldado. Como não sucedeu o desejado travei na vontade até hoje o gosto da liberdade.

CHICO - Correu notícia que outro cativo de igual tenção pagou pena: foi deportado para a Província das Gerais. Ao depois, conforme disseram, morreu de desconsolo.

JOSINO - O João conheceu ele?

JOÃO - Conheci. Formamos parelha no mesmo propósito. Só que ele recebeu a farda e se enfiou nela sem a autorização garantida. Por isso pegou punição. Não tinha chegado a ordem e o cativo já desfilava de soldado. Foi desenfardado na força e padeceu o des-

terro. Foi um caso triste.

JOSINO - (Informando) - O Carlos aproxima.

CARLOS - Trago informe do lado dos cativos: estão insofridos com a tardança da alforria. Já espalham desconfiança do fracasso.

JOSINO (Insistente) - O recado do chefe Elysiário foi aguentar na espera até a missa entrar.

CARLOS - (Bebendo pelo gargalo de uma garrafa que trouxe consigo) - Convém saber se a missa já entrou.

CHICO - Aprovo o sugerido. O tempo está alongado.

JOÃO - (Sugerindo) - Podia o Josino ir espiar na igreja, sondar novidades...

JOSINO - Já fui lá e voltei três vezes. Dei o recado do chefe: o preceito é esperar. Não convém levantar desconfiança no povo dentro da igreja.

CHICO - Sei não. Tenho pressentimento ruim. Me dá um gole deste esquento peito, chefe Carlos. (Carlos passa a garrafa e Chico bebe).

JOÃO - Se tardar mais tempo os cativos começam a sair do mato. Vem um, depois outro e, seguinte, o bando todo. Não vai ser bom. Pode assustar os devotos na igreja, atrapalhar o que já anda no atrapalho com esta tardança desinfeliz.

JOSINO - A minha opinião eu dei. Mas o Carlos e Chico Prego têm também patente de chefia. Podem deliberar.

CARLOS - Que acha o Chico?

CHICO - (Bebendo mais um gole de cachaça) - Vou olhar na igreja. Ver pelos meus olhos o que está acontecendo. Se calhar, falo com o chefe Elysiário, esclareço a aflição dos cativos.

CARLOS - Aprovo o Chico. (Chico dirige-se à igreja depois de passar a garrafa de aguardente para João que também bebe. Chico, depois de espiar dentro da igreja, retorna decidido).

CHICO - A missa entrou e está quase no fim. Não saiu a alforria. O italiano do padre descumpriu o prometido.

JOÃO - E o chefe Elysiário?

CHICO - Não vi ele. Está sumido lá dentro.

JOÃO - (Afoito) - O jeito que tem é açular os cativos. Levantar o pó do chão. Disputar a alforria no grito e no atrevimento, diante da porta da igreja. Arrancar do padre essa miserável de alforria prometida e adiada. Pois sem liberdade, minha preferência é a morte.

CHICO - João falou direito. É hora de firmeza, de não fazer por menos.

JOÃO - Como o chefe Elysiário não deu aviso vamos estourar os cativos.

CHICO - Que pensa o chefe Carlos?

CARLOS - Ponho a minha acordância. O Chico pode espalhar a notícia.

CHICO - (Dirigindo-se aos cativos que estão nos matos, fazendo um gesto com a mão e bradando). - Povo cativo, a liberdade foi consumada! Viva a liberdade! (Ex-plode um grande alarido e ouvem-se alguns disparos de armas. Entram em cena cativos em algararra. Entra o coro que canta).

CÂNTICO

É chegada a hora
É chegado o dia
da justa vitória
da justa alforria.

Reunidos todos
nesta mesma fé
neste movimento
neste ajuntamento
de quem é cativo
de quem cativo é.

Reunidos todos
nesta mesma fé...

Não tem mais motivo
esta vida assim.

Não tem mais sentido
esta vida em si.

Tanto sofrimento
tão sem cabimento
vai cessar pra mim
vai cessar pra ti.

Tanto sofrimento
vai cessar enfim
para sempre enfim...

É chegado o dia...
É chegada a hora...

ELYSIÁRIO - (Aparecendo na porta dá igreja visivelmente trans-tornado). - Que amotinação reina aqui? Adoidaram todos? Quem deu ordem de liberdade?

CHICO - (Também irritado enfrentando Elysiário) - Eu dei ordem. Olhei da porta da igreja a missa tinha entrado. A libertação não veio conforme o combinado. O aviso do Josino, trazendo recado seu, era que a alforria saía quando a missa entrasse. A missa entrou e alforria não veio. Ardi nas pontas dos pés. Consultei os demais chefes e larguei o aviso da liberdade.

JOÃO - Se a liberdade não vem por bem, vem por mal.

ELYSIÁRIO - (Procurando controlar-se e recobrar o comando geral) - Só porque a missa entrou sem a libertação não cabia afo-

bamento. Eu estava na chefia. Tinha de haver fiança no meu comando...

CARLOS - Mas vosmecê mesmo mandou dizer que era quando a missa entrasse. Ela entrou e ficou tudo no ora veja.

ELYSIÁRIO - Impunha esperar um pouco mais. Eu não ia deixar meu povo no desamparo. Estava na observância lá na igreja. Quando a missa acabasse procurava o padre e pedia a ele que declarasse a alforria.

CHICO - Agora é tarde, é aguentar o berro da libertação. (Durante todo esse tempo continuaram a ser ouvidas as manifestações de alegria da parte dos cativos nos arredores da igreja).

SACRISTÃO - (Aparecendo na porta da igreja). - Com os Diabos, que balbúrdia é essa? Quem responde por esses negros? Afinal, o que se passa aqui?

ELYSIÁRIO - (Altivo) - Respondo eu. Os cativos querem a alforria do padre e dos donos de escravos.

SACRISTÃO - Alforria? Que alforria?

ELYSIÁRIO - A alforria das promessas do padre em favor dos cativos que fizeram a igreja de São José do Queimado.

SACRISTÃO - (Atônito) - Mas isso é um despropósito. Vou saber do padre que história é essa... (Retorna para dentro da igreja. Há um momento de expectativa e logo em seguida as portas da igreja são fechadas por dentro. Os negros gritam protestos).

NEGROS - Abre! Abre! Queremos a liberdade. Alforria, alforria! Liberdade!

CARLOS - O padre acovardou. Correram as trancas na porta!

JOÃO - Impossível! O chefe Elysiário disse que a alforria está combinada entre o padre e a rainha dona Maria Cristina. É de nosso direito. Queremos a liberdade! Viva a liberdade! (Em seguida a estas palavras João atira-se de encontro à porta da igreja, esmurrando-a e batendo com a coronha do fuzil. Grita). - Abram! Abram!

CHICO - (Acompanhando João) - O ajustado tem que ser cumprido. Abre a porta, padre!

ELYSIÁRIO - (Dirigindo-se a Josino e a Carlos) - Ajunta os cativos e bota ordem neles que o pior vai chegar. (Carlos e Josino retiram-se para cumprir a ordem. Nesse instante as portas da igreja são reabertas e surge o padre Gregório).

GREGÓRIO - Por todos os sacramentos, que tramoia é essa da qual o sacristão me deu conta?

ELYSIÁRIO - (Adiantando-se para responder ao padre) - Não tem tramoia nenhuma, seu padre. O que tem é a espera da alforria que vosmecê prometeu. Os cativos querem receber a libertação. Com a sua bênção, padre!

GREGÓRIO - Explique-se, infeliz!

ELYSIÁRIO - Vosmecê, padre, pediu ajutório dos cativos na construção da igreja em troca da liberdade. O ajutório foi dado. A igreja foi feita. Foi trabalho pesado e sofrido no seguimento das noites. Agora é hora da recompensa. Os cativos querem a alforria.

GREGÓRIO - Estão todos malucos. Não posso alforriar escravos. Não fiz promessa alguma.

ELYSIÁRIO - Promessa o padre fez. Anunciou liberdade nas pregações, nas missas que rezou. Amaldiçoou o cativo, pregou a liberdade. Toda gente ouviu, todos são testemunhantes.

GREGÓRIO - Não sei quem enfiou essa ideia na sua cabeça. Mas é tempo de acabar com isso. (Dirige-se em voz alta aos cativos) - Ouçam todos: não posso alforriar cativos! (Ouve-se da parte dos negros forte alarido de descontentamento).

GREGÓRIO (Insistindo em tom mais alto). - Ouçam! Voltem para as fazendas. Sejam pacíficos! Voltem em ordem. Prometo que nada acontecerá a ninguém. Pedirei aos fazendeiros para não haver punição. Voltem todos! - (Novo alarido de insatisfação).

JOÃO - (Aproximando-se ameaçadoramente do padre. Enquanto fala agita a espingarda na mão) - Olha, padre: nenhum cativo vai arrear pé sem receber alforria. Nenhunzinho, sabe? Por isso estamos reunidos aqui, fiados na palavra do padre, na promessa feita. Vosmecê não vai querer agora acabar com a esperança dos cativos dando conselho de debandada. Não, nunca. Porque ninguém que é cativo vai abrir fora bestamente. Vamos ficar e lutar, se carecer, mas sair ninguém sai. Mato o primeiro que ensaiar retirada.

GREGÓRIO - (Recuando) - Mas isso é uma verdadeira insurrei-
ção. Estão todos possuídos do Demônio. (Entrando rapidamente
na igreja, enquanto se benze). - Em nome do Pai, do Filho... Fe-
chem as portas, fechem as portas da igreja! Os negros estão amo-
tinados! (As portas voltam a ser trancadas. Ouvem-se rumores
dentro da igreja. Do lado de fora os negros aumentam o escarcéu).

CHICO - (Anunciando) - Os devotos estão escapulindo pela sa-
cristia...

JOÃO - (Decidido) - Vamos barrar o caminho deles...

ELYSIÁRIO - (Ordenando) - Para, João. Larga de lado os devotos.

CHICO - Disconcordo da chefia. O João tem razão. A beatice me-
rece ser confinada dentro da igreja.

ELYSIÁRIO - Convém não. (Ordenando aos cativos em voz alta)
- Nada de molestamento com os brancos. (Explicando para os ou-
tros chefes). Tenho grande precisão de confabular com o padre,
sozinhoamente.

(Ouvem-se improperios partidos do lado dos brancos em fuga da
igreja). - Negros sanhados! Morte na forca! Viva o açoite! Viva o
“bacalhau”!

JOÃO - (Raivoso e apontando a espingarda na direção das vozes)
- Disparo nos atrevidos o chumbo da arma...

ELYSIÁRIO - (Intervindo e evitando o tiro) - Para, aturdido! Falei

e repito: larga os brancos. Vou falar com o padre. Esperem novas ordens. (Elysiário dirige-se em seguida até a porta da igreja. Bate, enquanto fala suplicante) - Padre, padre! Rogo para abrir a porta. Careço de confabular com vosmecê. Abre, padre, pela devoção do Criador. Abre em nome de S. José. Sou eu, padre, o cativo Elysiário. Abre, por favor. (Após alguns momentos o padre abre a porta e Elysiário ingressa na igreja).

CENA ENTRE ELYSIÁRIO E FREI GREGÓRIO

A cena transcorre dentro da igreja, diante de um altar.

GREGÓRIO - O que você quer, cativo?

ELYSIÁRIO - Confabular com vosmecê, padre. Com o respeito devido.

GREGÓRIO - O que tinha de ser dito já foi dito. Por causa do seu atrevimento a missa foi interrompida. Cometeu-se um pecado irreparável. Nada mais temos para falar.

ELYSIÁRIO - Ao contrário, padre. Muito tem para ser falado. Os cativos estão no aceso dos ódios. Pode romper tiroteio e haver mortandade grossa.

GREGÓRIO - Você não vai me intimidar, negro. Não sou respon-

sável pelo que acontecer. Toda essa perfídia é obra sua. Tenho minha consciência limpa perante Deus e os homens.

ELYSIÁRIO - Por que o padre não cumpre o prometido?

GREGÓRIO - Nada prometi. Você sabe disso, infeliz. Foi de sua cabeça que nasceu este plano hediondo, essa conjuração pecaminosa.

ELYSIÁRIO - Não, padre. Não foi da minha cabeça. Toda ação tem começo na palavra. Vosmecê disse as palavras, acendeu a ideia. Foi vosmecê que primeiro falou na liberdade; foi vosmecê que condenou, no sermão das missas, o cativo dos povos.

GREGÓRIO - Nada disso. Você torceu minhas palavras, mudou o sentido delas. Eu disse uma coisa, você entendeu outra. Quando falei em liberdade era a do reino de Deus. Para os bons e para os justos. Para os obreiros do Senhor e os que tivessem fé na religião.

ELYSIÁRIO - Não foi só eu, padre. Teve os outros cativos. Escutaram também. Entenderam do mesmo modo. Todos paridos na escravidão querendo a liberdade deste mundo. Depois então, padre, a liberdade do Céu.

GREGÓRIO - Você, Elysiário, você desviou o rebanho do bom caminho. Somente você, o mais esperto e dissimulado, o mais vil dos cativos. Você aproveitou a ignorância dos outros e tramou a rebelião. Agora quer me envolver, quer me forçar a fazer o que não posso, nem devo. Saiba que também na Europa existe injustiça entre os homens... Nem todos são livres como gostariam de ser...

ELYSIÁRIO - O padre diz isso agora, assim no esclarecido bem claramente. Mas já não pode mudar os cativos lá fora.

GREGÓRIO - (Aliciante) - Escute, Elysiário, escute. Você é inteligente, merecedor da minha confiança. Tem capacidade para ver as coisas como elas são e têm que ser. A César o que é de César, meu filho... Um pobre ministro de Deus como eu, um simples sacerdote nascido em terra estrangeira, vindo da Itália para o Brasil, não tem condição de alforriar pretos escravos. Sei que este favor todos vocês merecem como seres humanos... como filhos de Deus... mas nós sabemos que só o imperador pode conceder a liberdade para os escravos. Ou então os próprios donos de escravos. Olha, meu filho, vai e diga isso aos outros, aos seus companheiros. Você é o chefe, eles vão escutar, vão aceitar o que você falar.

ELYSIÁRIO - (Resistindo) - Não é só eu que sabe das coisas que o padre acabou de dizer. Os outros cativos também sabem. Não carece inteligência para botar entendimento nesse palavrório todo.

GREGÓRIO - Pois então, meu filho, se todos sabem, vão aceitar mais facilmente. Fale com eles. Mande que voltem para as fazendas, que retornem sem luta, sem rebelião.

ELYSIÁRIO - É, padre, mas pelo outro lado, os cativos sabem que a voz dos padres tem autoridade, é sempre ouvida, goza de muita força. Não foi assim que se fez essa boniteza de igreja aqui neste ermo, mediante a conversa do padre?

GREGÓRIO - Com a alforria é diferente...

ELYSIÁRIO - O padre anunciando a liberdade os donos de esca-

vos não vão desmanchar o anunciado. Acabam aceitando ela.

GREGÓRIO - Esta ideia não tem o menor cabimento, Elysiário, é uma insensatez, uma loucura.

ELYSIÁRIO - Não, padre, loucura mesmo é não atender os cativos lá fora. Escorregar do prometido, apagar a esperança dos pretos escravos.

GREGÓRIO - Olha, Elysiário, nunca existiu promessa alguma. Procure aceitar a verdade. Tudo não passou de um grande malentendido. Seja compreensivo. Ainda há tempo. Pratique uma boa ação aos olhos de Deus, evitando a morte de muita gente, o sofrimento, a condenação. Pode até haver enforcamento, uma tristeza medonha... Pense nisso, meu filho.

ELYSIÁRIO - (Tornando-se arrogante) - A morte, padre, calha melhor que o cativo... Os pretos querem a liberdade, sua obrigação é conceder.

GREGÓRIO - (Reagindo) - Te esconjuro, cativo ímpio. Sua mente está fechada para a palavra de Deus, seu coração está dominado pelo mal.

ELYSIÁRIO - (Ajoelhando-se diante do padre e procurando tocá-lo). - Padre, me escute, padre. Rogo em nome do Redentor. Pela devoção do padroeiro São José - diz aos cativos que eles vão ser libertados! Vosmecê pode fazer essa caridade. Pelo amor de Deus, padre...

GREGÓRIO (Impetuoso) - Levanta, impuro! Sua alma se perdeu

nas trevas. Não põe na sua boca imunda o santo nome do Senhor...

ELYSIÁRIO - (Insistindo, implorando) - Padre, pelo amor de Deus, peça em nome de Deus que fez livres todos os homens... (Elysiário enquanto fala procura se abraçar às pernas do padre).

GREGÓRIO - (Esquivando-se) - Solte-me, negro! Solte-me. (Gregório consegue empurrar Elysiário. Este ergue-se abruptamente. Neste momento está desafiador).

ELYSIÁRIO - Padre, o mal ainda pode ser reparado sem tiro e sem morte. Basta escrever num papel o pedido de libertação dos cativos. Se o padre escrever eu levo pros donos de escravos, mostro a eles que o padre pediu. Tudo feito sem briga e sem ameaça. No direito e no pacificado.

GREGÓRIO - (Entre surpreso e temeroso, enquanto se benze) - Vade retro, Satanás.

ELYSIÁRIO - (Violento) - Padre, meu respeito verteu em ódio. Maldito sejas, padre poltrão, sacerdote da mentira!

GREGÓRIO (Gritando) - Respeite o representante de Deus. Respeite a Casa do Senhor, pecador desarvorado!

ELYSIÁRIO - (Afastando-se decidido) - Tu pariste uma rebelião, frade capucho!

(Ao ver Elysiário afastar-se no sentido da porta da igreja Gregório rapidamente intercepta o escravo impedindo sua saída. Indaga

preocupado).

GREGÓRIO - O que você vai fazer?

ELYSIÁRIO - (Firme) - Vou lá fora dar comunicado da covardia de vosmecê. Não ponho garantia na vossa igreja nem na vossa pessoa...

GREGÓRIO - (Assustado) - Espera, negro... (corrigindo-se) - Espera, meu filho! Ouve o que vou falar...

CENA APÓS O ENCONTRO COM O PADRE GREGÓRIO

A Cena abre com Elysiário saindo da igreja. Do lado de fora está postada uma sentinela com espingarda junto à porta da igreja.

ELYSIÁRIO - (Autoritário) - Sentinela, chama os chefes por ordem minha. - (A sentinela afasta-se em direção aos arredores da igreja e retorna acompanhado de Carlos, Chico Prego, João da Viúva e Josino. Todos trazem espingardas).

CARLOS - A chefia chamou?

ELYSIÁRIO - Chamei para dar relato da conversa com o padre. Trago informativo. O padre disse que não deu alforria na missa por motivo dos donos de escravos não ter aprovado. Ele pediu e

fez até imploração em nome da religião. Mas nenhum aprovou a rogação do frade.

JOÃO DA VIÚVA - A alforria gorou no definitivo?

ELYSIÁRIO - Não. O padre traçou o novo rumo do plano, apontou outro caminho. Disse que carecemos de ter coragem para ganhar a vitória pelo meio que ia apontar.

JOSINO - E qual é o meio?

ELYSIÁRIO - É amolecer o rigor dos donos dos cativos. Pegar deles assinatura de libertação. O padre mandou papel pra receber as assinaturas. Quanto mais nome, melhor.

CARLOS - É bastante as assinaturas?

ELYSIÁRIO - Enchido o papel botamos ele na mão do frade para tratar das cartas de alforria junto da rainha dona Maria Cristina.

CARLOS - Que acham os companheiros?

CHICO - Sei não. Pelo meu modo de ver, a promessa da alforria deu meia volta no começo do caminho.

JOÃO - Leva demora a tal carta de libertação da rainha?

ELYSIÁRIO - Demora pouca. O tempo da rainha baixar a declaração de alforria. O frade tem conhecimento com dona Maria Cristina, a rainha. Se carecer, vai ele mesmo, na pessoa dele, tratar do assunto.

JOÃO DA VIÚVA - A viagem pra Capital é pedaço de bom caminho, gasto de muito tempo.

JOSINO - Na entre-espera, que fazemos nós?

ELYSIÁRIO - Volta tudo pras fazendas. Fica no aguardo.

CHICO - O chefe Elysiário me desculpe a impertinência mas estou gostando não. A volta pras fazendas traz risco em demasia. Os fazendeiros estavam desincontidos na igreja na hora da missa. Partiram todos pisando raiva nos cascos, lançando xingamentos. Foram chamar as autoridades, trazer as tropas de Vitória. Se os cativos voltam pras fazendas vão entregar o lombo ao feitor.

ELYSIÁRIO - (Procurando convencer os companheiros) - O padre prometeu falar com eles, defender a causa dos cativos. Não devemos cogitar receios. Comporta é colher as assinaturas e levar o documento pedido pelo padre. Sem tardança.

CARLOS - E se a rainha faltar com a alforria?

ELYSIÁRIO - Não vai faltar. Repito: o padre tem influenciamento com ela. Prometeu arrumar a alforria. O necessário é pegar as assinaturas dos fazendeiros logo e logo. (Estende o papel a Chico Prego e diz) - Tu dá os começos. Vai na fazenda do coronel Luiz Vicente que tem localização aqui no Queimado e apanha lá dele o primeiro assinado no papel. Bem no alto da folha com jeito de sobrar lugar pras demais assinanças. Leva o João da Viúva e os mais homens pro capitão não padecer dúvida da nossa intenção.

CHICO - Que devo falar com o capitão?

ELYSIÁRIO - Fala que sua visita é da parte do frade para a liberdade dos negros. Que é para ele concordar na assinatura do papel. Se desaproveitar convença o coronel. Recurso não falta...

CHICO - Entendo e faço. Vamos, João. (Saem ambos).

JOSINO - O irmão Elysiário está confiante nas assinaturas dos fazendeiros?

ELYSIÁRIO - Não viu o irmão como saíram eles da igreja, escafedendo pela porta dos fundos? Agora é questão de botar força em cima deles não dando tempo de firmarem a coragem.

CARLOS - E no caso de esquivarem de assinar?

ELYSIÁRIO - Homessa, Carlos - a serventia das armas, pra que serve?

CARLOS - Só queria conhecer a intenção do chefe Elysiário. Me dou por esclarecido.

ELYSIÁRIO - É bom que o chefe Carlos tenha tido esclarecimento. Alivia o trabalho das explicações...

SENTINELA - (Apontando a arma na direção de Elysiário) - Meu chefe me desculpe, mas vejo no pressentido e pressinto no que vejo: a liberdade gorou. Não tem mais alforria. Os negros foram traídos. O padre faltou o prometido.

ELYSIÁRIO - (Ordenando) - Rebaixa a arma, abusado!

SENTINELA - Mantenho o dito - a liberdade gorou. O chefe Elysiário caiu no engodo do padre. Branco nenhum assina declaração.

CARLOS - Desgramado, ouve a chefia rebaixa a arma!

SENTINELA - A libertação era quando a missa entrasse. Pelos modos de dizer mudou a forma do combinado. Entrou conversa de assinatura no papel. O rumo das coisas é outro.

JOSINO - Sentinela, tu és soldado. Obedece à chefia: recolhe a arma!

SENTINELA - Não reconheço o comando. Melhor é escapar agora do que ir na andadura do plano. Vou safar a pele antes da desgraça maior. Vou ganhar a mata... Salvar o meu lombo... (A sentinela começa a se afastar lentamente).

JOSINO - O cativo desatinou, virou desertor.

SENTINELA - Já cativo não sou, mas liberto por conta própria. (Afasta-se retirando-se de arma em riste).

CARLOS - Se é do agrado do chefe Elysiário mando caçar o fujão.

ELYSIÁRIO - Não comporta. É perca de tempo.

CARLOS - Aí é que não, o chefe me conceda a discordância: carece de pegar o merdelho desaforado dando castigo de exemplo.

ELYSIÁRIO - Redigo! Não comporta. Tem outras incumbências

de mais significância. Deixa o bostinha do cativo com seu cagaço. É preto leviano, traste sem valia.

Nesse momento entram Chico Prego e João da Viúva. Estão armados de espingardas. Chico sacode um pedaço de papel na mão
- Revela euforia.

CHICO - Alvissaras! O coronel Luís Vicente firmou o documento. (Reação geral de alegria).

CARLOS - Vou dar participação aos comandados. É boa nova que cabe ser espalhada. (Sai de cena).

ELYSIÁRIO - (Dirigindo-se a Chico) - Relata o sucedido, cabo chefe.

CHICO - Relato, pois não. Digo a narrativa nos pormenores; o João corrige os enganos. O seguinte é este:

Corte na cena para representação do ocorrido. Há uma rápida mudança de cenário. É introduzida em cena uma porteira.

JOÃO - (Apontando com o fuzil) - É a fazenda do coronel Luiz Vicente?

CHICO - Assim é. A porteira é aquela. Vamos acercar no macio. Chegança sem barulheira. Tudo na ocultação dos matos.

JOÃO - E como vai ser no descampado do terreiro, pra lá da porteira?

CHICO - É chamar seu coronel. Dizemos que trazemos intenção de paz.

CORONEL - (Percebendo vozes) - Quem vem lá?

CHICO - Coronel, são os cativos do Queimado. Estamos vindo da parte do frei Gregório. Pedimos vossa permissão para entrar.

CORONEL - (Visivelmente irritado, de arma em riste) - Negros do Queimado são intrusos nas minhas terras. Repilo no tiro o primeiro que tentar passar a porteira...

JOÃO - Acalma, coronel, que a intenção não é de briga. Trazemos pedido de favor.

CORONEL - Não tem pedido nem meio pedido. Conheço todos vocês. São uns paridos de negras fedorentas...

JOÃO - O coronel contenha os modos de dizer...

CORONEL - Já disse - arredem das minhas terras. Não repito o avisado.

JOÃO - Escuta, coronel, nós estamos em quantidade aqui no derredor da fazenda. Vai ser esforço demasiado o coronel derrubar um a um; pense e repense antes de avançar nas ameaças.

CORONEL - (Contendo a irritação) - O pedido referido, que coisa é?

CHICO - O coronel concede permissão de aproximação?

CORONEL - Concedo, mas antecipo - nada de safadeza. Posso morrer, mas morro matando.

CHICO - (Enquanto fala transpõe a porteira e se aproxima do coronel) - Não precisa repetir, coronel. Vamos apenas pedir um favor.

CORONEL - Falem claro. Que querem? Que conversa mole é esta de pedir favor?

CHICO - Bem, coronel, é que o padre Gregório apontou missão pros cativos, pra evitar o pior como é supostamente adivinhável.

JOÃO - Pra livrar chuveiro de tiro tal qual o coronel acaba de livrar aqui nas suas terras recebendo os cativos.

CORONEL - Diga o que querem sem amolecimento da língua. Dispensio elogios. Que pretende o frade?

CHICO - O frade, coronel, determinou os cativos de colher as assinaturas dos donos de escravos dando alforria. Entregou papel para ser assinado. Está aqui, olha.

CORONEL - (Pegando o papel e olhando nos dois lados) - Escute, negro, não me venha com essa agora. Não fui parido ontem. Que papel é este, branco de um lado e branco do outro?

JOÃO - Está branco até o coronel assinar. Depois vira assinado para a libertação dos cativos. Assim o padre falou com o chefe Elysiário.

CHICO - Estamos dando seguimento no mandado do frei Gregório.

JOÃO - O coronel vai assinar?

CORONEL - Esta é boa! Eu, assinar? Não faltava mais nada. Pois saiba, negro, você e todos os outros - não assino porqueira nenhuma. Agora, sumam daqui. (Faz menção de apontar a espingarda na direção dos dois cativos).

JOÃO - (Antecipando-se à ação do coronel e dele se aproximando com o fuzil pronto para uso) - Olha, coronel, não leva a gente a mal. Mas eu - me permita dizer - eu no lugar do coronel pensava sem afobação. Esfriava a cabeça. Pelo oposto, a negativa do coronel pode provocar engrossamento de ódio. O coronel sabe como é - tem muito cativo derramado aí fora, nos matos, de olho chisposo, no desejo de sangrar atoa, atoa. Não falo pelo coronel que é homem destemido, de fama propagada. Falo mas é pela família do coronel, encolhida aí na casa, por trás das portas. O coronel não vai ser doido de exibir valentia, cometer desatino.

CORONEL - (Dando-se por convencido) - Sua sorte, negro, é minha família estar na casa. Se não fosse isso...

CHICO - O coronel falou de feição!

CORONEL - Me passe esse papel, seu...

JOÃO - O coronel vai ter a preferência da primeira assinatura...

CORONEL - (Assinando) - Pronto. (Em seguida, furioso) - Mas não vai ser esta merda de papel que vai garantir a alforria de negros rebeldes.

CHICO - Esta merda de papel, como o coronel falou, salvou a vida do coronel e de sua família. Não deve ser tão merda assim...

CORONEL - (Irritado) - Escute, miserável, o que quero dizer é que este trapo de papel não vai servir de proteção contra as tropas que vão chegar. Vou ver negro escafedendo para todos os lados; vou ver esta rebeldia corrigida na chibata; vou ver cativo pendurado no nó das forcas, com palmo de língua de fora. Tudo isto vou ver porque essa praga eu lhes rogo!

JOÃO - (Ameaçador) - Dou conselho: o coronel deve moderar a linguagem...

CORONEL - (Gritando para os negros nos arredores) - Pois ouçam todos! Escutem. Larguem as armas enquanto é tempo! Voltem para o trabalho das fazendas. Acabem com essa maluqueira. Não sejam estúpidos.

CHICO - Coronel, vosmecê está falando tal qual o frade! Não adianta este desespero de berração. E desforço perdido. Ninguém vai recuar agora. Tem um dia na vida que a decisão não consente retorno.

JOÃO - Se o coronel fosse cativo o coronel também havia de entender.

CORONEL - (Raivosamente) - Fora, seus excomungados, fora das minhas terras!

CHICO - Sossega, coronel, que já vamos dar a despedida.

CORONEL - Um dia, negros, um dia, vocês vão lembrar do que eu digo: negro não tem cabeça para fazer motim. Não tem tutano. Não tem organização. E sem organização não há rebelião!

CHICO - Até um dia, coronel. - (Ordenando) - Companheiros, se arretirem que o coronel já deu assinatura! (Alarido geral de satisfação. A cena retorna à parte anterior).

JOÃO - Pois foi assim o sucedido, chefe Elysiário, tal qual o Chico pôs na narrativa.

CORCUNDA - (Entrando) - Trago comunicado pra chefia.

ELYSIÁRIO - Fala, vigilante. O que acontece?

CORCUNDA - Um galopante tomou o rumo da capital. Foi levar pedido de socorrência. Vão trazer tropas.

CHICO - A soldadaria chegando é certeza de peleja.

ELYSIÁRIO - Pelo então, é esquivar o combate. Corcunda, avisa o chefe Carlos para juntar os cativos. Vamos ganhar a estrada.

JOÃO - Que planos têm o chefe Elysiário?

ELYSIÁRIO - Abrir fora do Queimado, malograr o confronto com as forças da capital.

CHICO - (Estranhando) - Bater em retirada? Fugir do Queimado?

ELYSIÁRIO - Nosso propósito não é combater soldados. A hora não é chegada. Nosso propósito é primeiro pegar assinaturas neste papel. - (Mostra o documento reebido de Chico) - O que conta é a alforria e não a valentia. Guerra contra soldado só no derradeiro caso.

JOSINO - Aonde o irmão pensa ir?

ELYSIÁRIO - Para Pendanga. Correr as fazendas daqueles lados, pernoitar lá. Enquanto habitamos naquelas bandas as tropas deparam o Queimado vazio. Depois, se delibera dos novos rumos.

JOÃO - Vamos todos?

ELYSIÁRIO - Todos de menos o Josino e alguns adjuntos.

JOSINO - Qual a minha missão?

ELYSIÁRIO - Ficar de espia aqui no Queimado. Um olho pregado nas tropas e outro no padre. E abre os ouvidos na escuta. Amanhã dá notícia bem cedo. Quero saber de tudo.

JOSINO - Pode seguir, irmão. Vou cumprir as ordens.

CHICO - Então vamos logo. Todos os demais. - (Ordenando) - Ajunta, cativos!

ELYSIÁRIO - Sim, vamos. Até breve, irmão Josino.

JOSINO - Vai com a Virgem, irmão!

Saem todos. A cena se encerra com Josino permanecendo no palco.

CENA ANTES DO CONFRONTO NO DESFILADEIRO

Em algum local indefinido de Pendanga. A cena se passa em campo aberto.

ELYSIÁRIO - O Josino mandou notícia?

CARLOS - Qual o quê.

ELYSIÁRIO Já é quase metade do dia. O silêncio do Josino dá desconforto. E os cativos de São Mateus, que é feito deles?

CARLOS - Nenhum chegou. Também os de Viana, que estavam prometidos, não deram as caras.

ELYSIÁRIO - Merda! É menos gente para formar nas nossas fileiras contra os soldados.

CARLOS - O chefe acredita em combate?

ELYSIÁRIO - Na esquentação do sangue tudo pode acontecer...

CARLOS - (Anunciando) - João Pequeno vem vindo...

PEQUENO - (Entrando com sinais evidentes de preocupação) - Trago ocorrências para o conhecimento da chefia.

ELYSIÁRIO - (Irritado) - Vejo que boa coisa não é. Cospe o informe.

PEQUENO - Na virada da noite um bandéu de cativos azulou. Afrouxaram a valentia. Sumiram de mansinho.

ELYSIÁRIO - Negros chulos! Estamos cercados de pulhas! A debandagem foi grossa?

PEQUENO - Em demasia. Restou um magote de tropa que não cobre trinta braças de estrada.

CARLOS - Foi a troca do plano que deu esta quebradeira na confiança dos cativos.

ELYSIÁRIO - (Enfurecido) - Merda nenhuma. Foi acovardamento mesmo. O chefe Carlos deve agora segurar os que sobraram antes que também se embrenhem nos matos. Vai e põe eles debaixo de ordem severa. Corta a intenção de fuga. Faz ainda a contagem exata das armas e da munição. Leva o João Pequeno para atendimento da missão. Na passagem, manda o Chico Prego e o João da Viúva. (Saem Carlos e João Pequeno. Logo após chegam Chico e João da Viúva).

CHICO O chefe mandou recado?

ELYSIÁRIO - (Confirmando) - Mandei. Estão as coisas em desatino. Debandaram muitos cativos e Josino até agora nada disse nem nada mandou dizer lá do Queimado. O Chico deve despachar um batedor para buscar informação.

JOÃO - É por desnecessário, chefe. O Josino está vindo aí.

ELYSIÁRIO - (Dirigindo-se a Josino com certa estranheza) - O irmão aqui em pessoa? O que sucedeu?

JOSINO - Vim por precisão. O alferes Varella acampou com as tropas no Queimado.

JOÃO - O alferes Varella?

JOSINO - O próprio, deveras. Com cara de tihoso.

CHICO - Gente muita?

JOSINO - O suficiente para trazer molestação. E todos aqueles lá bem armados e embalados de fazer gosto.

ELYSIÁRIO - Por que veio o irmão em pessoa? Por que não mandou informante?

JOSINO - Qual informante se os demais largaram tudo no abandono?

JOÃO DA VIÚVA - Porqueira de levianos! Filhos de umas porcas!

ELYSIÁRIO - Lá e cá o mesmo cagaço.

CHICO - Carregaram as espingardas?

JOSINO - É como Chico falou - arrepiaram carreira e ainda por cima sumiram com as armas.

ELYSIÁRIO - Negros merdelhos! E como está o padre no Queimado? Conte o presenciado.

JOSINO - O padre está fechado no templo. O alferes destacou guarnição de sentinelas para vigiar as portas da igreja. O resto da milícia assentou a bunda na fresca dos matos.

ELYSIÁRIO - Que mais viu o irmão?

JOSINO - Fiquei na espia e ouvi conversa dos soldados que o padre vai ser preso e carregado nos ferros.

JOÃO DA VIÚVA - (Inquieto) - Se isso é verdade cabe ir libertar o frei Gregório. Sem ele, adeus alforria.

CHICO - (Aderindo incontinenti) - Aprovo o dito do João. O padre não pode ser preso...

ELYSIÁRIO - (Interferindo) - Desopino da ideia. O alferes não é besta de apresar o frade. E nem nós não vamos medir força com as tropas. É por demais arriscado.

JOÃO - (Impetuoso) - Não medir força, por quê? Tem cabimento

largar o padre nas mãos da milícia?

CHICO - (Aprovando) - No meu modo de ver, tem cabimento não. Convém salvar o padre antes das tropas largar o Queimado.

ELYSIÁRIO - (Relutante) - Não vejo razão. O padre pode ser preso, mas não fica preso. Já se viu deixar preso vigário que tem parte com a rainha? É despropósito que não dura muito. Logo soltam ele. E tem as assinaturas para pegar dos fazendeiros. Nossa obrigação é essa - pegar as assinaturas. Depois entregar tudo ao padre, quando as autoridades soltarem ele...

JOSINO - Releve o irmão, mas porém a prisão é de validade. Com ordem passada pelo Governo. Na boca dos soldados, vão botar o padre a ferros, o resto da vida.

CHICO - (Decidido) - A prisão do padre, chefe Elysiário, muda o nosso destino. Sem ele, não tem alforria. Primeiro, a livração do padre, depois a busca das assinaturas. Deve ser assim a ordem das coisas.

JOÃO DA VIÚVA - Também acho. O chefe Elysiário pode ficar. Parto eu com meu punhado de acompanhantes.

CHICO - (Revelando desconfiança) - A chefia está intimidada?

ELYSIÁRIO - (Reagindo prontamente) - Homessa, Chico. Que indagação desencabida... Até parece que o cabo desconhece minha pessoa. Só que ninguém deve ser doido e arriscar a cabeça atoa. É nisso que ponho cisma.

CHICO - Não é arriscar a cabeça mais do que já está arriscada. E arriscar para salvar o padre e garantir a alforria.

ELYSIÁRIO - Bem, se o pretendido é este vou tomar decisão com o Carlos. Ele também deve de dar parecer como segundo comandante. Volto logo. - Elysiário retira-se).

CHICO - Que acha o Josino?

JOSINO - Combino com o pensamento do Chico Prego. Carece livrar o padre das mãos dos soldados.

JOÃO DA VIÚVA - Da minha vontade não precisa fazer indagação. Vou pro Queimado nem que seja eu e o Diabo. No doravante, o caminho é de pedra. (Transcorrem alguns instantes até o retorno de Elysiário).

ELYSIÁRIO - (Retornando) - O Carlos também aprovou a viagem pro Queimado. Já está aprontando os combatentes. - (Decidido) - Sendo assim, tomo o comando e ordeno a partida. Mas ponho recomendação na cabeça dos chefes: para render as tropas do alferes temos de desabar em cima dele no maior imprevisto, no supetão. Sem dar tempo dele dizer meu-Deus-me-ajuda...

JOÃO - Se é pra ir, é ir logo.

ELYSIÁRIO - Então se juntem os chefes com os comandados. Vamos dar começo à marcha na direção do Queimado. É chegada a hora... (Partem todos. -Entra o coro).

CANTO PARA ENCERRAMENTO DA CENA

E partiram todos
para combater...
nesta mesma fé
neste ajuntamento
neste movimento
de atrevimento
de quem é cativo
e quem cativo é

de quem é cativo
e não mais quer ser...

Reunidos todos
nesta mesma fé...

É chegado o dia
É chegada a hora...
É chegado o dia
É chegada a hora...

CENA APÓS O CONFRONTO COM AS FORÇAS DE VARELA

Quando as cortinas abrem João está sentado no palco cuidando da perna ferida. Está escondido entre algumas pedras, visível ape-

nas para a plateia. A espingarda está encostada numa das pedras. Ouve-se ruído de alguém se aproximando.

JOÃO DA VIÚVA - Quem vem? - (Pega a espingarda preparando-se para se defender) - Quem está por perto? Se é cativo aproxima, se é soldado arre pia carreira.

CHICO - (Ainda sem aparecer em cena) - João da Viúva? Identifico seu falar. Aqui é o Chico Prego.

JOÃO - Chico Prego? Achega, companheiro.

CHICO - Qual o acontecido? (Chico se aproxima curioso. Também está armado. Deixa a espingarda no chão para dar atenção ao companheiro).

JOÃO - Recebi ferimento. Me pegaram na perna. O chumbo queimou de raspão, lanhou a carne. Já amarrei o sangue com trapo de pano.

CHICO - Dá pra se pôr de pé? Não convém ficar por aqui. As tropas ainda estão dando batidas nesse lugar amaldiçoado.

JOÃO - O sangue secou. Já posso caminhar. O Chico traz notícia dos outros?

CHICO - Sei não. Destemperaram pelas encostas do morro. O chuveiro de balas do alferes cobriu os cativos na volta do despe nhadeiro. Tinha soldado por todos os lados. Foi um supetão de emboscada.

JOÃO - Assim foi. Não deu entre-tempo para arrumação das nossas fileiras. Até parece que o alferes estava sabendo do rumo do nosso plano.

CHICO - Fizeram com os cativos o que estava cogitado de fazer com eles: pegar todos num repente só, debaixo de fogo quente.

JOÃO - Faltou organização...

CHICO - O danado do alferes mostrou a competência dele. Foi encurralamento bem tramado.

JOÃO - O Chefe Elysiário ainda quis impor comando no meio dos cativos. Mas o apavoramento se apoderou de cada um debaixo do fogo das tropas. Deu certo não.

CHICO - É. Foi uma medonha de ataque!

JOÃO - Duma coisa trago certeza - acertei balaço no alferes. Deu pra ver o soco do chumbo sacudir o braço lá dele. O sangue encharcou o fardamento do homem e pingou pela mão. Isso foi o que vi num relampejo.

CHICO - Mas tu também recebeu troco.

JOÃO - Foi estrago de pouca monta. Um risco de bala, sem grandeza. Por este arremedo de ferimento não fico sem força na perna.

CHICO - Eu, do meu lado, avistei o cativo Euzébio rolar a ribanceira com o lombo varado de ferro. Largou gemido de dor no en-

quanto o corpo levantava a poeira do chão. Foi morte feia, agoniada. De fazer dó.

JOÃO - Mataram também o João Francisco, cativo do doutor Rangel. Topei com ele ensopado de sangue, as vistas abertas é o ventre furado. Dos demais, ignoro o acontecido.

CHICO - Chefe Elysiário escapou, no atoleiro dos mangues nos baixios do despenhadeiro. Foi seguido do Josino e do Carlos. O Corcunda, perdi sentido nele. De começo estava no meu lado. Depois, deu sumiço, mais o João Pequeno.

JOÃO - Assim todos! Faltou organização para escorar a arremetida do alferes. O miserável do coronel Luiz Vicente adivinhou as coisas - os cativos não tinham organização. Boca de seca pimenteira! Te esconjuro, infame!

CHICO - E como tu escapou?

JOÃO - No arrepio da fuzilaria rolei a ribanceira. Na cambalhotação do corpo senti a pontada do tiro fisgar a minha perna. Um diabo de friozinho que foi esquentando no sangrar do sangue. Mas já tinha escapulado da fervura do combate. Dei sorte. - E o irmão, como se safou?

CHICO - Por pura sorte, também. Fiz o primeiro disparo na resposta do ataque das tropas. Visei pelo rifle um fardante acavalado num galho de mato. Abri fogo no remexido das folhas no suposto que não tinha como errar. Desconheço o resultado. No seguinte

imediatamente senti uma pontada no cangote que escureceu as vistas. Até agora não sei o que foi. Quando retomei o sentido do mundo, rastejei de lado e fui saindo como serpente na direitura do mato. Ainda deu pra escutar disparo de fogo no ar, por cima do meu costado.

JOÃO - Está provado: faltou organização! A pretaria era pulha, estrume! Correu tudo e ainda corre se mijando nos pés. Não deu pra aguentar o tropeção do combate. Depois, é capaz de voltar tudo pras fazendas, renegando o motim. Vão lambe as botas dos dorsos. Se calhar, nem sofrem castigo.

CHICO - O castigo cai na cabeça dos principais - eu, tu, Elysiário, Carlos, Corcunda... Os comandantes. Vamos padecer o pior.

JOÃO - Agora vai ter começo a má hora, a abertura da perseguição...

CHICO - De agora por diante é ganhar lonjura dessas paragens, ficar a salvo da mão do capitão Antonio Pinto, que outro não tem com mais capacidade para bater mato...

JOÃO - Ora, já que deu, deu-se. Bom consolo não se tem mais.

CHICO - Vamos ganhar distância deste lugar.

JOÃO - No rumo das montanhas?

CHICO - No rumo das montanhas.

Tertúlia

LIVROS E AUTORES DO ESPÍRITO SANTO

A luz esmaece enquanto ambos se retiram, carregando seus fuzis.
João vai claudicando ligeiramente, amparado por Chico.

FIM DO 1º ATO

Tertúlia

LIVROS E AUTORES DO ESPÍRITO SANTO

2º ATO

Compõe-se de um ato e cinco cenas

JULGAMENTO DE FREI GREGÓRIO

Mais do que um julgamento, é um interrogatório. O julgamento final do envolvimento do frade ficará a critério do público. Antes do pano abrir ouve-se um cântico no ritmo da toada do JONGO.

Solo:

“Eu fui à ladainha
Na igreja de São Bento
A porta estava fechada
E o santo chorava dentro!
Jongueiro!

Coro:

Eu fui à ladainha
Na igreja de São Bento
A porta estava fechada

Voz em solo:

E o padre chorava dentro!
Gregório!”

(Abre-se o palco. Está presente um juiz. Usa apenas a peruca branca, característica).

JUIZ - Façam entrar o Frei Gregório José Maria de Bene. (O padre entra, acompanhado do meirinho, e o juiz dirige-se a ele) - Obrigado, padre, pelo comparecimento. Sente-se.

FRADE - Com quem falo?

JUIZ - Não se preocupe com isso. Considere-me um interessado, um curioso, ou até um inquisitor, se preferir. Talvez, um juiz. Está bem?

FRADE - Não vejo por que não esteja.

JUIZ - Ótimo, assim podemos ir logo ao ponto. Tenho em meu poder este documento. Veja. - (Mostra ao padre uma folha de papel) - Está escrito no cabeçalho: “Juramento do padre frei Gregório José Maria de Bene, vigário encomendado da igreja de São José do Queimado no dia 25 de março de 1849 diante de Jesus Cristo Sacramentado depois da elevação da Sagrada Hóstia”. Reconhece o documento?

FRADE - Reconheço. Foi escrito e subscrito do meu próprio punho para defesa do nome de um pobre frade incautamente envolvido numa rebelião de negros cativos.

JUIZ - Pois bem, padre. Com base neste documento desejo lhe fazer algumas perguntas. Posso dar início?

FRADE - Pode.

JUIZ - Neste caso, peço ao meirinho para fazer o pregão.

MEIRINHO - “Interrogatório do Padre Frei Gregório José Maria de Bene, missionário apostólico e vice-prefeito da missão do Sagrado Coração de Jesus e de Maria Santíssima instituída por Ordem Imperial no ano da graça de 1845”. (Em seguida, o meirinho sai).

JUIZ - Como disse, padre, o nosso ponto de partida é o “seu juramento. Vê-se por ele que o senhor está diretamente envolvido no motim dos negros...

FRADE - Melhor seria dizer, injustamente envolvido...

JUIZ - É exatamente isso que pretendemos esclarecer: o grau do seu envolvimento; a extensão de sua - diga-mos - responsabilidade. Posso prosseguir?

FRADE - Prossiga.

JUIZ - Em que condições o senhor redigiu o juramento?

FRADE - Foi no Queimado, na própria igreja, para atender à solicitação do alferes Varella que havia chegado, para dominar a rebelião.

JUIZ - Que providência tomou o alferes?

FRADE - Cercou a igreja com as tropas. Depois, buscou informação com a minha pessoa. Narrei-lhe os fatos como se passaram e que me constrangeram a fechar o templo e a deixar a missa no meio.

JUIZ - Como surgiu a ideia do juramento?

FRADE - Quando acabei de prestar informação verbal ao alferes ele pediu um relato por escrito para levar às autoridades. Para ter mais força, redigi a informação sob a forma de juramento.

JUIZ - O alferes demorou dentro da igreja?

FRADE - O tempo de rezar um Padre Nosso e uma Ave Maria. Pediu a minha bênção e retirou-se, respeitosamente.

JUIZ - O que houve em seguida?

FRADE - Eu mesmo tranquei as portas do templo. Ouvi que o alferes dava ordens do lado de fora postando sentinelas para minha proteção e proteção da importante obra construída em louvor de São José.

JUIZ - De acordo com o juramento/toda a culpa daquilo que o senhor intitulou “grande e maliciosa aleive” - ou seja, o motim do Queimado - foi atribuída ao cativo Elysiário. Mantém a afirmativa?

FRADE - Por inteiro. O cativo foi o autor e chefe da rebelião. Urldiu todo o plano e comandou as ações. Junto desse indigníssimo servo do Senhor que vos fala o cativo fez-se cordeiro ocultando a pele de raposa solerte e capciosa. Iludiu-me e confundiu-me a inocência e a boa fé.

JUIZ - Mas houve outros cabeças...

FRADE - Todos eram segundos. Só Elysiário o primeiro. O primeiro na astúcia; o primeiro na mentira; o primeiro na perversidade; o primeiro na deslealdade; o primeiro no pecado. O primeiro em tudo. O começo e o fim. Foi a maçã podre da parábola, a ovelha negra que fez perder o rebanho.

JUIZ - Além de Eiyiário, o senhor conheceu os outros cabeças a quem intitula “segundos”?

FRADE - Conhecimento particular só tive com o ímpio Elysiário, o chefe amotinado. Com os outros cabeças privei a distância, sem proximidade.

JUIZ - Como explica a diferença de relacionamento?

FRADE - Por diferentes motivos principais. Um: o cativo foi recomendado a meu serviço pelo seu dono; dois: era esperto, de fala fácil e de compreensão maneira; três: tinha interesse por tudo que eu dizia; quatro: era bom intermediário junto aos outros cativos. Desta maneira, prescindia que este indigno servo do Senhor que vos tala precisasse se entender com os outros cativos no trabalho de fundação do templo.

JUIZ - Em algum momento, antes do motim, o cativo Elysiário desmereceu a sua confiança?

FRADE - A bem da verdade, em nenhum momento. Até o início da rebelião não revelou o íntimo maleivoso e traiçoeiro. O ímpio saube ser dissimulado e enganoso.

JUIZ - Nenhum outro cativo dos que serviram na obra da igreja denunciou a trama que estava sendo preparada?

FRADE - Nada falaram, nada disseram.

JUIZ - Corno explica este silêncio?

FRADE - Acho que embora os boatos corressem entre os negros, a condição de cativos selou a boca de todos. Mesmo os que não estavam envolvidos nada falaram.

JUIZ - Julga razoável esta explicação?

FRADE - Sim, tratando-se de negros cativos. O cativo associa todos eles, bons e maus. Formam um mesmo povo. Todos unidos. Os inocentes e os conspirantes.

JUIZ - Pelo visto, nem o depoente nem ninguém sabia o que estava se tramando no Queimado?

FRADE - Exatamente.

JUIZ - Mas... e os assaltos aos paióis de munição? Os furtos de armas? Não serviram de indícios?

FRADE - Poucos suspeitaram que se tratasse dos cativos. Pelo menos, dos cativos que estavam construindo a igreja. Talvez suspeitassem de escravos foragidos nos quilombos... Mas não dos cativos que serviam na edificação da casa do venerando São José, a igreja do Queimado.

JUIZ - Padre, como surgiu e se desenvolveu o projeto de construção da igreja?

FRADE - Foi no mês de abril do Ano do Senhor de 1845. Missionando eu em um sítio nomeado Tapera, perto do Queimado, onde ora se acha este templo tão admirado, deparei, com grande pesar, que a maior parte dos fiéis viventes no local, pela grande

distância e pelos péssimos caminhos das Freguesias, não achavam aquele conforto que só a nossa santa e beneficente religião podia subministrar-lhes. Reconhecendo esta situação tão crítica propus aos que ouviam a Santa Missa, o projeto de fundar um templo dedicado ao grande e poderoso patriarca São José, pai adotivo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

JUIZ - E então?

FRADE - O templo do patriarca foi edificado no meio de uma povoação de cinco mil almas que viviam na máxima ignorância e inação, causa de tantos homicídios, de contínuos roubos, de frequentes embriaguezes e de todos os vícios os mais abomináveis. Com a edificação do templo, estes sítios mudaram de aspecto, como também reconhecem e confirmam os moradores, dizendo que a religião santa e benéfica que era quase extinguida naquelas bandas hoje começa a reflorescer. Por isso, rendem todos contínuas graças à Divina Providência pelo grande benefício que dignou fazer-lhes de enviar-lhes um ministro evangélico para colocá-los de novo no caminho da salvação.

JUIZ - Foi grande a participação dos escravos na execução da obra?

FRADE - Assim por assim. Mais devotamento nos trabalhos deparei da parte dos moradores humildes e miseráveis, sem posses nem bens, que, entretanto, dispuseram de tempo para cooperarem na fundação da obra admirável...

JUIZ - Mas, não foram os negros cativos que realizaram os trabalhos mais penosos?

FRADE - É sabido, meu filho, que a fé remove montanhas. Se não houvesse cativos no Queimado ainda assim o templo não deixava de ser fundado pela virtude e disposição dos moradores do lugar. A participação desses moradores humildes foi maior do que a dos cativos. Todos colaboraram. Todos apressaram-se de carregarem comigo pedras sobre seus próprios ombros, homens e mulheres, brancos e pretos, pardos e mulatos, pequenos e grandes, ricos e pobres.

JUIZ - Houve donativos para as obras?

FRADE - Sim, pois não bastava a cooperação dos devotos por suas pessoas e pelos seus cativos. Abriu-se logo uma subscrição e assinei-me o primeiro com a quantia de catorze mil réis e depois assinaram-se também uns poucos por quanto a sua pequena e tênue posse lhes permitia. Devo dizer sinceramente que os pobres foram os que mais trabalharam e contribuíram com suas pessoas e com os tênues e limitados produtos de seus terrenos que apresentavam nos dias santos para arrematarem em proveito e progresso da importante obra da igreja. Eu, indigníssimo servo do Senhor, pisei todos os sítios vizinhos pedindo subsídios. Com as esmolas das missas e ofertas das Santas Missões e com pequeno emolumento que subministrava-me o Governo Imperial - que ora tirou-me sem razão - gastei na obra mais duzentos mil réis e mais gastaria se mais tivesse. Pelo meu exemplo, atividade, vigilância sobre os obreiros e fiel e econômica administração hoje este templo está em estado admirável.

JUIZ - Padre, o que pode o senhor informar sobre o boato que

correu entre os cativos de que seriam alforriados se ajudassem na construção da Igreja?

FRADE - Como servo do Senhor não dei ouvidos a boatos e nada sei informar. Se existiu boataria foi invencionice brotada da cabeça do ímpio Elysiário inspirado pelo Inimigo do Gênero Humano.

JUIZ - Qual a última vez em que esteve com Elysiário?

FRADE - Foi depois do alvoroço que os negros armaram interrompendo a Santa Missa. Quando soube do que se passava determinei ao sacristão que fechasse as portas da Igreja que depois foram reabertas e novamente fechadas pelo medo que tiveram as pessoas dignas presentes à missa. Quando todos já eram idosos ouvi que o ímpio Elysiário batia à porta e rogava autorização para entrar. Eu, alma simples e inocente, pensando na salvação daquele infeliz, dei-lhe acesso ao templo.

JUIZ - O que se passou então?

FRADE - O ímpio insistiu na pretensão hedionda da alforria dizendo que nas minhas palavras durante a construção do templo ele tinha posto entendimento que um ministro evangélico podia prometer liberdade para negros escravos.

JUIZ - O senhor procurou esclarecê-lo?

FRADE - Disse-lhe que nunca tinha sugerido tal ideia, que aquele entendimento nasceu nele, escravo impuro e malvado, e quando falei em liberdade foi no sentido simbólico referindo-me à liber-

dade do Reino de Deus. Disse-lhe que não tinha poder de alforriar e que ele retornasse ao seu trabalho. Todavia, nada do que falei entrou nos seus ouvidos porque sua alma já estava dominada pela Criatura do Mal que é o maior inimigo de Deus.

JUIZ - Nunca passou pelo seu espírito que as palavras proferidas nos sermões pudessem levar os negros a esperarem a alforria?

FRADE - Não, isso não aconteceu. Todos sabem, mesmo aqueles escravos ignorantes, que é privativo das autoridades a concessão da alforria.

JUIZ - isso significa que o senhor se isenta de qualquer responsabilidade na Insurreição do Queimado?

FRADE - Exatamente.

JUIZ - Padre, o juramento menciona o nome de várias pessoas presentes à Missa. Cita o sacristão, o juiz de paz, o professor Alvarenga. Vamos ouvir essas testemunhas?

FRADE - Certamente.

JUIZ - (Ordenando para fora do palco) - O meirinho faça entrar as testemunhas. (As testemunhas entram).

JUIZ - Agradeço suas presenças. Como já devem estar informados estamos reunidos nesta sessão para alguns esclarecimentos sobre a rebelião do Queimado. Perduram certas dúvidas... Certos mal entendidos. A contribuição dos senhores pode ser importante.

Este documento - (mostra o juramento) - foi subscrito pelo frade Gregório, aqui presente. No segundo parágrafo está dito o seguinte: - (lê) - “Digo também que os senhores Manoel Sales, José Pinto Lima, sacristão, Manoel Correa e João, cativo da senhora dona Maria da Penha Pereira de Una, foram presentes quando os rebeldes cativos constrangeram-me a abrir as portas da própria casa e ouviram que eu disse abertamente ao infeliz e ímpio escravo Elysiário, cativo do senhor Faustino Antônio de Alvarenga Rangel, chefe do motim, que eu não podia, nem devia, nem queria dar-lhes carta de alforria, nem dizer-lhes alguma coisa relativamente a quanto exigiam de mim em a sua malvada revolta; mais disse-lhes que obedecessem aos seus senhores e que voltassem para as suas casas que eu era pronto para patrociná-los...” A pergunta que lhes quero fazer é a seguinte: as testemunhas confirmam as palavras lidas ao depoimento do frei Gregório? O sacristão?

SACRISTÃO - Sim, confirmo.

JUIZ - O Juiz de Paz?

JUIZ DE PAZ - Confirmo.

JUIZ - O professor?

PROFESSOR - Também confirmo.

JUIZ - O juramento ainda prossegue da seguinte forma: (lendo) - “Digo mais, que por ordem do Senhor João da Vitória Lima, juiz de Paz deste distrito e por conselho do Senhor Manoel de Oliveira Campos, eu tinha mandado fechar as portas da igreja e

era resolvido de não mais celebrar o Santo Sacrifício e largar o Queimado e por tal efeito já tinha enviado a fechar as portas o senhor sacristão, por causa dos negros rebeldes que cercavam, como me disseram, os matos vizinhos. Quando já estavam se fechando as portas, apresentou-se o professor Manoel Pinto de Alvarenga Rosa e dissuadiu-me da minha firme resolução e aconselhou-me de não fechá-las dizendo que assim fazendo era o mesmo que fazer ver aos rebeldes que os brancos do Queimado eram covardes e que os negros nesta ocasião tomariam mais coragem e vantagem em sua revolta...” - Está o relatado no juramento de conformidade com os fatos ocorridos?

TESTEMUNHAS - (Em coro) - Sim.

JUIZ - Qual das testemunhas informou ao padre sobre os negros que cercavam os matos vizinhos à igreja?

SACRISTÃO - Fui eu.

JUIZ - Baseado em quê?

SACRISTÃO - Bem, quando começaram os tiros e os gritos dos cativos no lado de fora da igreja, a missa foi interrompida. Naturalmente, surgiu pânico e agitação entre os fiéis. O padre me incumbiu de ir ver o que se passava. Quando cheguei à porta da igreja os negros bradavam vivas à liberdade. À frente deles estava o cativo Elysiário e outro da alcunha de Chico Prego. Muitos estavam saindo dos matos e quase todos estavam embriagados. Do que vi, informei ao padre. Ele mandou fechar as portas do templo.

JUIZ - Os negros impediram que as portas fossem fechadas?

SACRISTÃO - Não. Foram apanhados de surpresa.

JUIZ - E aí?

SACRISTÃO - Tentaram forçar as portas sem resultado.

JUIZ - Obrigado. (Dirigindo-se em seguida ao professor) - Professor, no juramento do padre Gregório está dito que o seu conselho para que as portas fossem reabertas não foi dado “por puro zelo”. Que diz o senhor sobre isto?

PROFESSOR - Como?

JUIZ - Ouça - (lendo um novo trecho do juramento) – “... eu, Frei Gregório, homem sem experiência e sem malícia, cedi a sua instância e as fiz deixá-las abertas, pensando que este homem me aconselhasse por puro zelo...”

PROFESSOR - Repilo qualquer insinuação quanto aos meus reais propósitos naquela hora. O que visava era realmente o prosseguimento da missa para mostrar que os insurretos não nos intimidavam. Não me venha agora o vigário atribuir segundas intenções ao sugerido...

JUIZ - Obrigado. Estou satisfeito. Podem retirar-se as testemunhas. (As testemunhas saem. O juiz volta-se para Frei Gregório).

JUIZ - Padre, há uma outra testemunha que ainda gostaria de ouvir.

FRADE - Pois não.

JUIZ - Façam entrar o capitão Rodrigues Velho. (Dirigindo-se ao capitão que entrou) - Capitão, é do seu conhecimento o motivo da sua presença nesta sessão?

CAPITÃO - Ouvi dizer.

JUIZ - Frade, o senhor tem alguma coisa contra o capitão aqui presente?

FRADE - Em absoluto.

JUIZ - Capitão, o senhor se achava presente à missa na igreja de São José quando os cativos iniciaram o motim?

CAPITÃO - Absolutamente. Não sou achegado a rezas.

JUIZ - Mas o senhor tomou ciência do ocorrido?

CAPITÃO - Deveras, como toda a gente que habita a região de Queimado.

JUIZ - O senhor tem propriedade lá?

CAPITÃO - Na situação de uma légua da sede da igreja.

JUIZ - O senhor escreveu carta às autoridades contando as ocorrências do Queimado?

CAPITÃO - Escrevi.

JUIZ - De iniciativa própria?

CAPITÃO - Não. O relato me foi requerido pelas autoridades. Como é sabido um dos cabeças do motim era cativo meu.

JUIZ - Qual deles?

CAPITÃO - O negro Josino, irmão do moleque Elysiário.

JUIZ - A carta é esta? - (O Juiz exhibe um documento).

CAPITÃO - Tal e qual.

JUIZ - O senhor gostaria de ler a carta para o frade?

CAPITÃO - Gostar mesmo não digo. Mas se carecer não me oponho.

JUIZ - Então, faça-me o favor. (Entrega a carta ao capitão que a lê em linguagem firme e corrida).

CAPITÃO - “Respondendo ao pedido de informações que me fez devo dizer-lhe que: 1º - que a causa do motivo foi por sem dúvida a bebedeira e indiscreção dos negros em desejarem uma alforria ilegal; 2º - que não se deu nenhuma reunião, ao menos que fosse o convite que os próprios insurgentes entabularam por algumas fazendas debaixo do maior segredo; 3º - que não houve chefe conhecido, sendo considerados tais os insurgentes mais audazes e atrevidos; 4º - que o papel que frei Gregório representou na insurreição não passou de um frade camelo e inconsiderado, que em suas conversações com os negros lembrava a plena liberdade que gozam os povos da Itália e de outros países da Europa, reprovando

e maldizendo assim o cativo do Brasil, o que muito concorreu para a revolta na mente estúpida dos cativos”. (No trecho em que o capitão se refere a Gregório pejorativamente o frade deve se mostrar incomodado, porém sem nada falar).

JUIZ - Capitão, este 4º item... por favor, queira relê-lo.

CAPITÃO - (Dando mostras de impaciência, relendo) - “Que o papel que frei Gregório representou na insurreição, não passou de um frade ca...

JUIZ - (Interrompendo) - Pule esta parte, capitão.

CAPITÃO - (Prosseguindo a leitura) - “Não passou de um frade... que em suas conversações com os negros lembrava a plena liberdade que gozam os povos da Itália e de outros países da Europa, reprovando e maldizendo assim o cativo do Brasil, o que muito concorreu para a revolta na mente estúpida dos cativos”.

JUIZ - Mais uma pergunta, capitão: - o Frei Gregório fazia muitas pregações para os escravos? (Enquanto o capitão fala, Gregório revela sinais de impaciência).

CAPITÃO - Ora se! Este frade é bicho destramelado de falador. Saiu percorrendo as fazendas, pregando sermão, cobrando emolumento em favor da igreja, atrapalhando o serviço das lavouras. Falava um palavrório arrevezado de mistura com latim e língua das Europa. Tinha negro que arregalava o branco do olho ouvindo o padre pedir auxílio pra obra da igreja. Para os que colaboravam prometeu a liberdade eterna garantindo o ingresso no céu. Eu, que

cá comigo sou descrente e ateu, quase fui na conversa aí do frade dando a ajuda requerida. Mas me contive nas medidas porque sempre sopitei que esse frade ainda ia se dar mal...

JUIZ - (Interferindo) - Chega, capitão. Estou satisfeito. Pode se retirar.

CAPITÃO - Vou. Mas vou dizendo que para bem dos pecados dele o frade aí deveria, conforme se diz, ir rezando um ato de contrição... (O capitão sai).

JUIZ - (Após um longo silêncio) - Lamento, frade, mas o testemunho do capitão não lhe é muito favorável. Algumas outras informações aqui ouvidas levam também a conclusões desfavoráveis ao senhor. Existe alguma coisa que ainda queira acrescentar antes de encerrarmos esse interrogatório?

FRADE - Sim. Não devo e não posso silenciar que o Inimigo do Gênero Humano fez todos os esforços imagináveis para estorvar, abater e destruir uma obra tão útil e vantajosa à Humanidade como a do templo do poderoso patriarca São José, erguido no Queimado. E o que é deplorável é que a soberba e invejosa criatura, inimiga de Deus, serviu-se de homens que se tornaram mal intencionados e que praticaram ações as mais feias e injuriosas, denegrindo injustamente e sem razão o meu sacerdotal caráter, em privado e em público, com falsos recursos e falsos testemunhos. Por isso, eu, frei Gregório, indigníssimo ministro da Cruz, juro e continuarei jurando a minha inocência in saecula saeculorum...

JUIZ - (Interrompendo a fala do frade) - Está encerrada a sessão!

- (Enquanto correm as cortinas).
Coro - Eu fui à ladainha
Na Igreja de São Bento
A porta estava fechada
(Uma voz em solo) - E o padre jurava dentro!

MONÓLOGO DO CAPITÃO ANTONIO PINTO

CAPITÃO - (Dirigindo-se ao público em tom íntimo e ligeiramente arrogante - Enquanto fala, movimentada-se no palco; usa farda e botas. Exibe-se.)

- Meus prezados, meu nome de pia batismal é, por inteiro, Antonio das Neves Teixeira Pinto, capitão de patente. No abreviado me chamam capitão Antonio Pinto, seu criado. Trago no lombo cinquenta anos bem vividos sendo metade deles aproveitados na captura de negros fujões, que minha ocupação de agrado é pegar negro fujão. E isso que deveras me dá regalo! Assim, aqui estou, junto a vós, falante e narrante, capitão de milícia, apresador de cativos, com muita honra, como tem sido do meu destino. Por isso digo e repito: não existe canto nesta terra, do vale do rio Doce ao vale do rio Santa Maria, que eu já não tenha varado nas pegadas de negro fugitivo. E fiquem sabendo, meus prezados, que caçar escravo fujão não é tarefa mesquinha. Pelo contrário, é missão de utilidade, ofício nobre, talhado para macho formado no adiantado da vida, curtido na tarimba dos matos e na vivência do perigo.

Pois nos descaminhos da mata ninguém adivinha a curva do destino, os sustos que vai passar, as feras que vai topar pela dianteira da cara, os perigos que gelam o sangue nas veias e rondam as tangentes do corpo.

Mas ressalvo esclarecimento que de negro fugidor não guardo amedrontamento, que negro é lixo do mundo, rebotalho da África - (Cospe no chão). É raça sem honradeza, excremento do Criador. Mesmo assim, não cabe se distrair com eles porque negro quando foge vira bicho matreiro, inventor de falsidade. Este cuidado me tem salvado de muita emboscada perversa.

Para vosso conhecimento, relato um caso. Foi nos lados do Mangará, no encaço de dois ladinos. Eu tinha avançado na frente de meus adjuntos - uns cinco cabras de pouca valia. Mal podia imaginar que os fujões estavam ali bem perto, de tocaia armada, na curva do caminho. Foi quando veio o cheiro da presença deles, que negro fede na distância de vinte metros. Aí, agucei a atenção e reduzi a passada: os dois tocaiantes estavam encarapitados num pé de árvore na estreitura mais estreita da trilha, de bote armado na minha direção. Disparei chumbo grosso no primeiro que marquei pela mira do fuzil. O segundo caiu de tremedeira do alto do galho. Cortei na chibata os costados do putto e taquei sal no aberto das feridas para conhecimento de que o Capitão Antonio Pinto não é homem de ser desfeito em emboscada de escravo. Meus prezados, os berros que o cativo deu chegaram na Capital um dia na minha dianteira.

De outra feita - não relato os casos por mera prosopopeia, mas para comprovação dos riscos do ofício - de outra feita, meus pre-

zados, me ofereci às autoridades para pegar um bando de escravos no oco de duas pedras existentes no monte chamado Mestre Álvaro, na minha terra natal. Ofertei meus préstimos prescindindo de remuneração. Ainda me rio hoje, passados os anos, do povo admiroso da minha braveza. Do ocorrido, aqui me calo pessoalmente pondo no lugar das minhas as palavras seguintes de um noticiante: “Não foi sem risco que o capitão Antonio Pinto levou a cabo sua missão: os foragidos opuseram resistência tenaz ao assalto, dando uma descarga. O capitão também não se conteve e fez a primeira vítima com um só golpe”. Isso, conforme preveni, foi o dito do informante. Tem precisão de acrescentar, meus prezados, que fui obrigado de fazer justiça naqueles negros? Pois saibam os que não sabem: o justiça de escravo fugido, feito pelas mãos do capitão de mato, é obrigação de ofício. Porque a fama do justiça levada pelos próprios negros se presta nos serviços futuros poupando aborrecimentos, fazendo outros fujões se entregarem sem desforço físico, se cagando de medo. Dou um exemplo: certo dia, quando minha pessoa perseguia um preto atrevido que tinha acometido em cima de mulher branca, aconteceu que um crioulo se matou com um tiro no ouvido só de saber que eu estava dando busca na fazenda do dono dele. E - (rindo) - o melhor é que o desinfeliz era inocente e apenas tinha o mesmo nome do outro, que eu estava caçando. Quanto ao verdadeiro culpado, depois que peguei ele, cortei por baixo os miúdos procriativos do puto, capando para sempre a macheza do seu atrevimento.

É para essa imposição de respeito que sempre uso do justiça de que vos falei, E confesso que não trago arrependimento. Repassados os feitos acho até que usei de pouquidão.

Mas, no geral da regra, não abuso da punição, principalmente se trabalho de empreitada para donos de escravos. Pois a primeira coisa que eles fazem é lançar recomendação: “Olha, capitão Antonio Pinto, vosmecê está sendo pago para trazer o negro inteiro, sem faltar pedaço.” - (ri) - Verdade é que essa recomendação às vezes atrapalha o prazer do serviço mas sempre sobra a emoção do retorno, o prazer de arribar na cidade puxando o negro do alto da montaria, enquanto o povo aplaude e as mulheres exclamam: “É o capitão Antônio Pinto!” - São coisas assim que me deixam em paz com o mundo.

Mas isso é agora, que meu nome tem renome. No começo da minha carreira até servicinho reles tive de pegar, sem pagamento nenhum. Foi como dei de ganhar fama e respeito. Hoje, tenho preferência em caçar negro fujão da Justiça Criminal, corno se deu no caso dos insurgentes do Queimado. Vos aponto esse como meu serviço mais aprimorado.

Os negros tinham escafedido para todos os lados da Serra ao Santa Maria. Eram muitos e portavam armas já sabendo que o fim deles era o cárcere ou a forca. Nada tinham a perder. Não fosse a maior trabalhadeira na captura dos cativos que atendem pela alcunha de João da Viúva e Chico Prego nem muito tempo teria perdido no apresamento dos rebeldes. Assim, antes de findar o mês de março - os prezados sabem, a amotinada dos escravos foi no dia do venerável São José - estavam todos trancafiados na cadeia pública, Tudo graças ao empenho deste capitão de milícia que vos fala.

Os prezados me desculpem se abusei da vossa paciência, espichando fala. Mas agora que me conhecem ponho os meus préstimos à

disposição dos presentes. Enquanto aguardo, peço vênia para tirar um cochilo, pois que venho de entregar a sua dona a encomenda de uma crioulinha fujona que redundou em caçada capitososa... Sim, meus prezados, com negra que foge a satisfação é no dobro: primeiro, pelo uso que faço das partes da negra - (ri) -; segundo, pela paga de quem trata a encomenda.

(O capitão deita-se no palco para dormir. A luz esmaece ligeiramente e torna a acender simultaneamente com a entrada em cena de um ator que informa ao público).

- TRÊS ANOS DEPOIS:

“Correio da Vitória, Ano IV, nº 59, 24 de julho de 1852 - Roga-se aos amigos do finado tenente coronel Antonio Pinto da vila da Serra, e mais pessoas que se dignarem assistir a uma missa pelo descanso eterno do mesmo finado, comparecerem na Igreja Matriz desta cidade, segunda-feira, 26 do corrente, pelas oito horas da manhã”.

A cena se encerra com o corpo do capitão sendo retirado do palco numa rede levada por duas pessoas como se conduzissem um morto.

CENA APÓS O MONÓLOGO DO CAPITÃO ANTONIO PINTO

No palco, uma mesa para o presidente e uma tribuna voltada para o público que será usada pelo deputado.

PRESIDENTE - Senhores deputados à Assembleia Provincial: acha-se inscrito para fazer uso da palavra o nobre deputado Fraga Loureiro. Com a palavra o ilustre deputado.

DEPUTADO - Senhor Presidente, meus nobres colegas: Vinte e dois dias são passados desde que eclodiu na Freguesia de S. José do Queimado, na Serra, apenas a umas poucas léguas desta Capital, um temerário levante de negros escravos que aterrorizou a ordeira e pacífica população daquela região. Vinte e dois dias são passados desde aquele trágico episódio em que cativos insidiosos se sublevaram contra a ordem constituída, cometeram desatinos contra honrados e pacatos cidadãos, ameaçaram de morte mulheres e crianças indefesas, invadiram fazendas, dispararam armas de fogo contra tropas do Governo, feriram e mataram criminosamente. Para felicidade geral todos os insurretos já foram capturados e recolhidos nas enxovias públicas desta cidade onde se encontram reclusos pelo hediondo crime que ousaram perpetrar. Todavia, Sr. Presidente, e meus nobres colegas, após vinte e dois apreensivos dias desde a malograda insurreição do Queimado não se tem ainda ciência das providências adotadas para a rápida e imediata convocação do júri que deverá julgar os revoltosos. Já me chegaram aos ouvidos (e custa acreditar em semelhante boato) que algumas vozes, inclusive da parte de cidadãos investidos em funções públicas, mascarados em falso e descabido humanismo,

começam a se levantar em favor dos delinquentes, procurando transferir a terceiros inocentes a culpa e a responsabilidade pela insurreição. Tal estado de coisas é uma afronta ao povo ordeiro de nossa terra. Além disso, transpiraram notícias de que algumas tentativas de fuga da parte dos criminosos quase se tornaram realidade quando a guarda afrouxou a vigilância da cadeia pública ao se dar a passagem da procissão do Senhor morto. Por tudo isso, e por outros fatos que a seguir informo, faz-se mister que se mova a ínclita Justiça da Província no sentido de instaurar, com a maior celeridade, o processo criminal dos delinquentes. Nestas condições, Sr. Presidente, meus nobres colegas, formulo daqui desta Tribuna, em veementíssimos termos, o seguinte requerimento dirigido ao Sr. Chefe de Polícia (lê): “Tendo-se reconhecido que apesar das enérgicas e salvadoras providências do Exmo. Presidente da Província para sufocar, como de fato sufocou, a insurreição do Queimado, ainda existe o terror na população pelos justos receios de se evadirem das prisões os criminosos, o que bem se manifestou na noite de 6 do corrente, por ocasião da solene procissão do Senhor Morto; e, porque consta que o promotor público avançara não haver criminalidade nos insurretos, opondo-se destarte ao desempenho dos deveres que a lei lhe confiara; requiero que se exijam com urgência do chefe de polícia informações circunstanciadas a este respeito e do estado em que se acha o processo dos escravos criminosos que há vinte e dois dias se acham recolhidos à cadeia desta capital”.

VOZES - Muito bem, apoiado! - (Aplausos). - (Ligeiro corte na cena. Entra um anunciante e lê).

ANUNCIANTE - “A câmara municipal desta cidade, em resposta

ao ofício nº 10, de 19 do corrente mês de maio do ano da graça de 1849, declarando: 1º) que o salão do edifício que serve de palácio do governo e em que outrora esteve colocada a administração das rendas provinciais não tem a necessária comodidade e capacidade para nele celebrar-se a próxima sessão do júri; 2º) que tendo de ser julgados nessa sessão nada menos de trinta e tantos escravos, que devem estar livres de ferros e por isso bem guardados e vigiados, e é impossível que isso se consiga com a pouca tropa que há, uma vez que tais escravos têm de ser transferidos da cadeia para o mesmo salão; 3º) que não sendo possível semelhante transferência, cumpre que a câmara municipal espace sua sessão para depois do julgamento do processo”. - (Outro corte na cena - Entra um novo anunciante).

2º ANUNCIANTE - Atenção, atenção para este aviso dado à divulgação por determinação do Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Vara Criminal: (lendo) “Saibam todos quantos o presente edital virem ou dele tomarem conhecimento que reuniu-se, no dia 31 de maio findo, no paço da câmara municipal, o júri extraordinário para julgar o processo instaurado contra os negros do Queimado e tendo-se conservado em sessão permanente até o dia 2 de junho, às 10 horas da manhã, sentenciou cinco à pena capital por enforcamento, como cabeças do motim, absolveu seis e condenou o resto a açoites. Faltam ainda ser julgados quatro que estão foragidos, em lugar incerto e não sabido, e já pronunciados no art. 113 do Código Criminal. Faço saber ainda que são as seguintes as penas cometidas aos condenados e a serem cumpridas em praça aberta à população para servir à execração pública: Elysiário, cativo do Sr. Alvarenga Rangel - morte por enforcamento; Carlos, cativo do padre João Clímaco - morte por enforcamento; João, cativo da viúva Monteiro - morte por enforcamento; Francisco,

da alcunha de Chico Prego, cativo do coronel Epaminondas Nunes - morte por enforcamento; João, da alcunha de Pequeno, cativo do Sr. Alvarenga Rangel - morte por enforcamento; Josino, cativo do Capitão Rodrigues Velho - condenado ao padecimento de 1.000 açoites; Domingos, da alcunha de Corcunda, cativo do sr. Antunes do Amaral - pena de 600 açoites; e todos os demais, condenados a 300 açoites. Dado e passado na cidade de Nossa Senhora da Vitória Capital da Província do Espírito Santo aos 2 dias do mês de junho de 1849”.

OUTRO ANUNCIANTE - (lendo) “Tal é a palma que têm de colher da proclamação de sua liberdade, o prêmio que hão de obter no plano sanguinário que contra nós urdiram, e com que intentavam nos sacrificar nos altares de sua ferocidade se a Insurreição não tivesse sido burlada em começo. É a consciência da sentença de um reto juiz”. Este quadro se encerra com acordes da marcha fúnebre.

CENA NA PRISÃO ENTRE CHICO E JOÃO

A cena tem lugar numa masmorra. Soam marteladas fora da cena. Por um instante o barulho cessa.

CHICO - Pararam as marteladas, João.

JOÃO - Acabou o serviço?

CHICO - Devem de estar nos arremates.

JOÃO - (Após ouvir as marteladas recomeçar do lado de fora). Não tem ciência montar uma forca: dois homens, uns paus, uns pregos, martelos e serrotes. Depois, a corda entra de enfeite. Tu sabe, Chico, por que é negra a corda dos enforcados?

CHICO - Ignoro.

JOÃO - Porque besuntam ela com sebo. Assim, escorrega melhor e aguenta o peso do condenado.

CHICO - Tu já viu enforcamento de negro?

JOÃO Já. E tu?

CHICO - Não, nunca.

JOÃO - Pois eu vi. Não é ato de conveniência. Junta povo em derredor como se nada de medonho estivesse acontecendo. O condenado chega no acompanhamento dos guardas, é lida a sentença em voz alta pra conhecimento do povo. Depois, o padre reza o coitado e o carrasco sobe com ele na forca. Vai arrastado ou no empurrão. Não deixam ele parar, nem falar, nem fugir. Não deixam ele rezar. As mãos são amarradas nas costas e ainda amarraram os pés num juntado só. Por derradeiro, ele fica com a corda no pescoço, no alto da forca, na solidão da espera. Então, de um arranco o carrasco empurra o corpo do desinfeliz se abraçando conjunto com ele, botando mais peso na corda. Quando corta a corda e acontece o condenado ainda estrebuchar no chão meio vivo e meio morto o carrasco acaba com ele na porretada. Bate na cabeça até o sangue espirrar com os miolos. Tem cachorro que

avança nessa hora e lambe o sangue no chão... Mas o pior, irmão, o pior, é o gemido de agonia que o infeliz solta quando a corda dá o apertão na goela. É um ronco espremido que sai pelo ar, de cortar o coração. E tem gente que bate palma nessa hora amaldiçoada.

CHICO - (Depois de meditar um instante no que acabou de ouvir). A sentinela disse que um de nós vai ser enforcado aí do lado de fora onde botaram a forca; o outro morre no Queimado, diante da igreja de São José.

JOÃO - Capricho da punição: morrer na frente da igreja que ajudamos a fazer!

CHICO - Tanto faz a diferença, João. Lá ou aqui, o fim é o mesmo. Vamos balançar na ponta da corda como dois sacos negros.

JOÃO - (Revelando preocupação) - Dizem que alma de enforcado não pode sair pela boca... Fica presa até o corpo apodrecer. Tu acredita?

CHICO - Sei não, João. Sendo desse jeito quero que meu corpo descomponha logo par minha alma ganhar a liberdade mais cedo.

JOÃO - Olha, Chico: penso e repenso, esquento a cabeça e não consigo entender.

CHICO - Entender o quê?

JOÃO - Todo o sucedido.

CHICO - Esquece. Não tem coisa para entendimento.

JOÃO - (Insistente) - É uma cisma que trago comigo. Lembro as palavras do tal doutor João Clímaco, lá no Tribunal. Acho que ele enxergou mais perto a razão das coisas ou então um pedaço dela, um lado do acontecido.

CHICO - Ele disse que tudo teve começo na palavra do padre e na pregação de liberdade que o padre fez e no engodo que os cativos caíram. No desamparo da alforria o jeito que os cativos acharam foi fazer rebelião.

JOÃO - Foi. Assim ele disse, o seu João Clímaco. Mas isso não foi todo o ocorrido, porque o acontecido foi maior do que o explicado.

CHICO - Que que tu quer dizer, João?

JOÃO - Agora, depois do caso passado, um pedaço eu entendo. E quando não entendo na cabeça, sinto no coração. Mas tem outro tanto que não descubro.

CHICO - De que assunto tu está falando?

JOÃO - Falo dos motivos e das razões, Chico. É disso que estou falando. Olha: teve o frade, teve. Teve sua palavra iludiosa, seu falar atrapalhado. Teve também o chefe Elysiário que agora está escapulido da prisão mais o Carlos e o João Pequeno e boto fé em Deus que tão cedo não pegam eles nunca mais. Pois o chefe Elysiário andou de um lado pro outro, do padre pros cativos, dos cativos pro padre. Foi e veio, veio e foi. E assim ele dava a palavra de um e levava a dos outros. Muita coisa ele disse de ouvir do padre.

Mas muita coisa ele falou porque estava dentro dele, na vontade dele. E se passou que estava na nossa vontade também, o resto dos cativos querendo o mesmo querer do Elysiário. Eu sei que foi assim porque eu estava lá com tu e os demais.

CHICO - Se tu sabe, por que disse que não sabia?

JOÃO - Porque o que foge do meu entendimento é a explicação da coisa maior. O motivo de ser assim, injustamente, das coisas como são e têm de ser. É isso, Chico. A razão de negro nascer escravo e ter de viver nesse cativo sofrido, penando como bicho. A ordem dessa desordem, Chico, é que não pego a razão de ser dela. Essa desarrumação do mundo é que põe quentura na minha ideia.

CHICO - Não paga a pena esquentar a cabeça, João. Mais logo, eu e tu não vamos mais ser deste mundo e todo esse aperreio se acaba.

JOÃO - Deveras. Mas vê se não cabe motivo de cismar, de falar. Porque é só falando que jogo fora a confusão dentro da minha cabeça. Responde, Chico: de que vale o sol? e as estrelas? e a lua? e o vento e as árvores e os frutos das árvores? e o mar e os peixes e todas as criaturas que Deus pôs na Terra? e as montanhas e os vales e os rios e as águas? de que vale a obra toda da Criação se dentro dela o negro é cativo e condenado? Não é o caso de esconjurar o próprio Criador, Deus que me perdoe?

CHICO - Sei responder não. O que é do meu conhecimento ainda é pouco para o tamanho da tua pergunta. Um dia, em outro tempo, pode se dar que tudo modifique.

JOÃO - Só se for no dia do Juízo Final, aí sim, acredito. Porque então haverá de haver a mudança e o pagamento das coisas certas e erradas. E, depois do Juízo Final até Criador vai poder recriar melhor um outro mundo.

CHICO - Não carece do dia do Juízo que talvez nem venha. Com a virada da morte tudo se iguala. É o mesmo desemboco para todas as pessoas, a igualação das igualações.

JOÃO - É o modo de pensar de vosmecê...

CHICO - (Após breve silêncio) - Me diga, João: o irmão padece medo?

JOÃO - No agora, sinto. Incomoda a espera. Antes, tinha ainda a esperança do perdão do Imperador que acabou negado. Sobrou a certeza da morte, com chegada marcada e hora determinada. Dá vontade de gritar, de chorar, de fugir do próprio corpo...

CHICO - Pois eu não. Com a chegada da morte vamos ser livres, irmão. Livres da dor, da paixão, do cansaço, da fome, da doença, da injustiça, do castigo, do desejo, do medo. Livres da esperança!

JOÃO - (Repetindo a última palavra como se quisesse apreender-lhe o sentido) - ...da esperança.

CHICO - Sim, da esperança. (Em seguida, procurando se fazer entender) - Eu tive a minha esperança, tu teve a tua. Todos os cativos do Queimado tiveram a esperança deles. Dessa esperança reunida nasceu nosso canto de guerra. Juntamos as mãos e os cor-

pos. Por causa dela, trabalhamos, sofremos, cantamos, choramos, lutamos com os olhos cravados na liberdade. Erguemos armas e lançamos gritos nos ares. Nossas vozes não foram ouvidas, nosso canto morreu no vazio. Perdemos as armas, acabamos presos e condenados. Eu te esconjuro, esperança enganosa e infiel!

JOÃO - Assim, faz sentido as tuas palavras.

CHICO - (Como se não tivesse escutado o companheiro) - Mais logo, irmão, mais logo, vou ficar livre do peso dessa esperança falseira que iludiu a mim e a ti. Mais logo, quando entrarem os soldados nesta cela, nenhum vai precisar dizer o que devo fazer. Levanto e saio andando na firmeza dos passos, indo onde tiver de ir, fazendo o que tiver de fazer, sem precisar de mão que me segure, que me empurre. Porque, irmão, pelo avesso dos olhos vou vendo o que os outros não vão ver: a liberdade! O que não tivemos na vida vamos ter na morte.

JOÃO - É bom tu pensar desse jeito. Eu por mim tomei deliberação de não submeter diante do medo.

CHICO - E qual é a deliberação?

JOÃO - Vou olhar o sol na cara dele, sentir seu calor cozinhar dentro das minhas vistas até tudo virar pretume de noite em pleno dia. Assim, não vou ver nada, saber nada, sentir nada. Vou ser cegado pelo sol antes de ser apagado pela morte. Vou morrer com as vistas arregaladas, vidradas de luz.

CHICO - (Depois de uma pausa) - Me diga, irmão, é este o teu derradeiro gosto?

JOÃO - Não, Chico Prego. O derradeiro mesmo é outrozinho, uma coisa pouca. Minha vontade sempre foi depois de morto ter acompanhamento de incelência, o irmão sabe, o canto fúnebre dos defuntos. O canto que recomenda o corpo e a alma. Sendo assim, morria em paz. - (Após ligeira interrupção). E, da tua parte, Chico Prego, qual a vontade derradeira?

CHICO - (Depois de pensar alguns segundos) - A resposta vou te dizer. Tu vai ficar sabendo porque esta minha vontade nasceu do que tu falou antes, descrevendo a morte dos enforcados. Meu querer, irmão, é morrer no silêncio, sem deixar escapar um ai. É isso: meu gemido de morte ninguém poder ouvir. Não largar ele pra satisfação do povo. Levar ele comigo, trancado na minha goela, seguro nos dentes. Quando a estremeção da corda e o peso do corpo inchar no meu pescoço, juro, irmão, porque essa vai ser a minha vontade final, juro que mesmo no aperto do laço vou botar sentido pra me debater em silêncio, penar em silêncio, morrer em silêncio. E caso a pontada da dor venha tão forte e doída que nem minha boca, nem meus dentes, nem minha língua mordida e sangrada segurem o gemido final da minha morte, só tu, irmão, só tu, fica sabendo que Chico Prego gritou pra dentro do corpo, que meu lamento agoniado e terrível rasgou minhas partes internas, inchou minhas veias até o sangue brotar delas mas não varou do corpo pra fora pelo caminho da boca. (Ouve-se o ranger da porta nos gonzos. Entra um soldado).

SOLDADO - Chegou vossa hora, cativos. A tropa está no aguardo. Tem até padre pra rezação dos pecados. Um de vós vai morrer aí fora onde a forca foi preparada. O outro paga as penas lá no Queimado. Vamos, adianta. Chico e João levantam-se sem pressa

porém decididos. Caminham em direção à saída. Por um instante João para e indaga de Chico

JOÃO - Tu ouve, Chico?

CHICO - O quê?

JOÃO - Nada não.

(Imediatamente, enquanto os dois deixam a cena cresce lentamente o canto das incelências).

“Uma incelência minha mãe sempre pedia,
advogada, rainha!

Dos anjos e das estrelas coroada,
rainha!

Dos anjos e das estrelas coroada!
Duas incelências minha mãe sempre pedia,
advogada, rainha!

Dos anjos e das estrelas coroada,
rainha!

Dos anjos e das estrelas coroada!
Três incelências...

CENA APÓS A EXECUÇÃO

Um forte soar de matracão, repetido seguidamente, dá início à cena. Logo após, o coro canta na toada do jongo:

Coro - Eu fui à execução
Na praça da matriz
(Uma voz em solo quase gritando, anunciativa)
O negro foi enforcado

Coro - E o povo pedia bis...

Novamente repete-se o som do matracão, insistentemente. Depois, a cena prossegue com a declamação, à moda jogral, de trechos do seguinte poema (“Linchamento”, Claude McKay) de forma tal que um declamante puxa os versos e os demais componentes do grupo repetem como se fosse ao jeito de uma ladainha:

Solo - “Seu espírito, em fumo, subiu aos céus. (...)

Coro - Seu espírito, em fumo, subiu aos céus. (...)

Solo - O tremendo pecado ficou inesquecido.

Coro - O tremendo pecado ficou inesquecido.

Solo - Durante a noite inteira,

Coro - Durante a noite inteira,

Solo - Uma solitária e brilhante estrela

Coro - Uma solitária e brilhante estrela

Solo - (...) olhava piedosamente para o balouçante carvão.

Coro - (...) olhava piedosamente para o balouçante carvão.

Solo - Amanheceu o dia

Coro - Amanheceu o dia

Solo - e logo chegaram multidões

Coro - e logo chegaram multidões

Solo - para ver o corpo fantasmagórico

Coro - para ver o corpo fantasmagórico

Solo - balanceando ao sol.

Coro - balanceando ao sol.

Solo - As mulheres se atropelavam para vê-lo,

Coro - As mulheres se atropelavam para vê-lo,

Solo - Mas nenhuma delas demonstrou tristeza

Coro - Mas nenhuma delas demonstrou tristeza

Solo - nos olhos azulados como aço.

Coro - nos olhos azulados como aço.

Solo - E jovens, linchadores potenciais,

Coro - E jovens, linchadores potenciais,

DANÇAVAM EM TORNO DO CORPO SAGRADO COM ALEGRIA DIABÓLICA ...”

Em seguida, após um momento de silêncio:

Solo - “Fui negro,
tão negro como a noite é negra,
negro como as profundezas da minha África”.

Coro - E porque fui negro,
fui escravo.

Solo - Não me deram liberdade,
Usaram meu corpo,
Corromperam minha alma,
Sugaram minhas forças,
Negaram-me justiça,
Recusaram-me o perdão.

Coro - Porque fui negro!

Solo - Porque fui negro,
Não ouviram minha voz
Não sentiram minha dor
Não existiu piedade
Não houve arrependimento
Não terei um túmulo
Não rezarão minhas missas.

Coro - Porque fui negro
fui convertido em espetáculo público.

Solo - e não respeitaram minha agonia:

Coro - partiram-me os braços
esmagaram-me as pernas
despedaçaram meu corpo.

Solo - Porque fui negro
não me trataram como irmão!,

Coro - “Mas meu coração,
que a vida inteira viveu
ajoelhado em meu peito.

Solo - mordido de medo
e comido de vergonha.

Coro - meu coração se ergueu dentro de mim

Solo - e morreu de pé,
redimido enfim,

abençoado enfim,
e finalmente livre.

Coro - finalmente e para sempre
livre”.

CÂNTICO

Para ser cantado pelo próprio coro no palco ou fora de cena.

“Deus vos dê o Céu e a Glória
Para sempre amém Jesus, ai, ai.

Padre Nosso, Ave Maria,
Eu vos peço pra rezar, ai, ai.
Pras almas dos enforcados, ai,
Ofereço a recomenda.

Deus vos dê o Céu e a Glória,
Para sempre, amém, Jesus, ai, ai”.

O coro silencia e entra em cena o mesmo anunciante que abriu a
peça. Lê.

FREGUESIA DE SÃO JOSÉ DO QUEIMADO

IGREJA - A que serve de matriz foi edificada à custa dos habitantes, que são pobres, e excitados pelo fervor e piedade apostólica do missionário capuchinho frei Gregório José Maria de Bene. A primeira pedra para sua edificação foi lançada no dia 15 de agos-

to de 1845 e afinal deixou ele pronta uma igreja com 90 palmos de comprimento e 42 de largura, abrangendo a capela-mor 45 de comprimento e 22 de largura. É dedicada ao patriarca S. José”.

Enquanto as cortinas vão fechando lentamente ouve-se de novo o coro.

...Padre Nosso, Ave Maria,
eu vos peço pra rezar

Deus vos dê o Céu e a Glória
para sempre, amem, Jesus, ai, ai.

FIM DA PEÇA

Esclarecimento final (nunca por demais).

O presente texto cênico foi elaborado tendo por base fato histórico ocorrido na freguesia de S. José do Queimado, Serra, Espírito Santo, em 1849.

Utilizou-se em sua preparação fundamentalmente a excelente monografia *Insurreição do Queimado - episódio da história da Província do E. Santo*, da autoria de Afonso Cláudio, editada em 1927 pela Tipografia Ypiranga, Petrópolis. Além deste, outros documentos foram também consultados como, por exemplo, alguns números do jornal *Correio da Vitória* e correspondências esparsas do Arquivo Público do Estado do E. Santo. De grande valor foi a carta firmada pelo próprio frei Gregório José Maria de Bene e que se contém no Livro 394 do Arquivo Estadual. Esta carta serviu basicamente para a montagem estrutural da cena do “juízo” do frei Gregório com aproveitamento quase integral de seu texto.

Como não podia deixar de ser o autor se permitiu concessões - em cima dos elementos documentais que usou quer na criação ou recriação das personagens quer nas adaptações de nomes e do próprio enfoque temático.

Ao cancionero popular - Jongo e “incelências” ou “recomendas” - buscou-se contribuição para os principais cantos da peça; em Afonso Cláudio (obra citada), foram colhidos os versos que precedem a segunda cena do primeiro ato; dos “Poemas Traduzidos - Negros e Brancos”, em tradução de Eugênio Sette,

Edições Renato Pacheco (1952) foram transcritos trechos poéticos indicados no texto; de Reinaldo Santos Neves, com ligeira adaptação permitida, foi obtida a parte final que encerra a Cena após Execução (a íntegra do Poema está apresentada em separado).

Grato, finalmente, a todos quantos colaboraram com sugestões.

APÊNDICE

Além do Poema de autoria de Reinaldo Santos Neves, inclui-se neste apêndice a transcrição das melodias que integram a peça.

Ao folclore capixaba colheu-se a contribuição do JONGO cujo tema musical foi utilizado nas cenas do “julgamento” de frei Gregório; ainda do folclore capixaba é a letra e música da “incelência”; o cântico “recomenda” faz parte do cancionero popular brasileiro; os versos que abrem a Cena após a Noite da Véspera receberam sugestão melódica do próprio autor como é do autor a letra e a linha melódica dos Cânticos que se encerram com os versos “É chegado o dia / É chegada a hora...”.

Pelo trabalho e contribuição na transcrição dessas melodias os agradecimentos especiais à professora Terezinha Dora A. de Carvalho.

POEMA

Reinaldo Santos Neves

“Que fizeram do negro,
do negro que ousou e se atreveu?
Que fizeram dele,
que a voz ousou levantar
num brado de guerra?
Que fizeram dele,
que se atreveu a sonhar

com a esperança de liberdade
da impossível liberdade?

Pois foi isto que dele fizeram
seus ofendidos senhores,
em nome do rei,
e em nome de Deus:
Da ponta de negra corda,
na forca foi pendurado
o negro corpo do negro.

Nos ombros do negro montou o carrasco,
e ali cavalgou em mortal galope.
E o corpo negro balançou doído
para o prazer dos olhos do povo branco.
Depois foi descido à terra
e com o porrete o carrasco esmagou
e que aqui e ali sobrava ainda de vida,
de negra e desgraçada vida.
E seu sangue escorreu pelo chão,
para ser lambido pelos cães vadios.
E seu pobre e maldito corpo,
desfeito em postas, denegrado,
apodreceu na ponta dolorosa
de cinco estacas.

Mas seu coração,
que toda a vida vivera
ajoelhado em seu peito,
mordido de medo

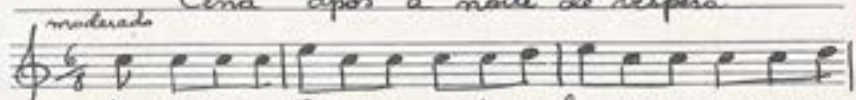
Tertúlia

LIVROS E AUTORES DO ESPÍRITO SANTO

e comido de vergonha,
seu coração se levantou em seu peito
e morreu de pé:
redimido enfim,
abençoado enfim,
e finalmente livre,
finalmente e para sempre
livre”.

MELODIAS DOS CÂNTICOS DA PEÇA

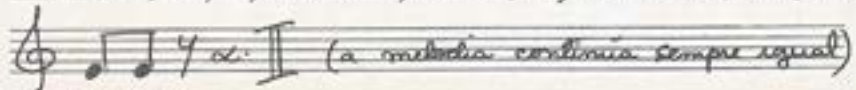
Cena após a noite de véspera



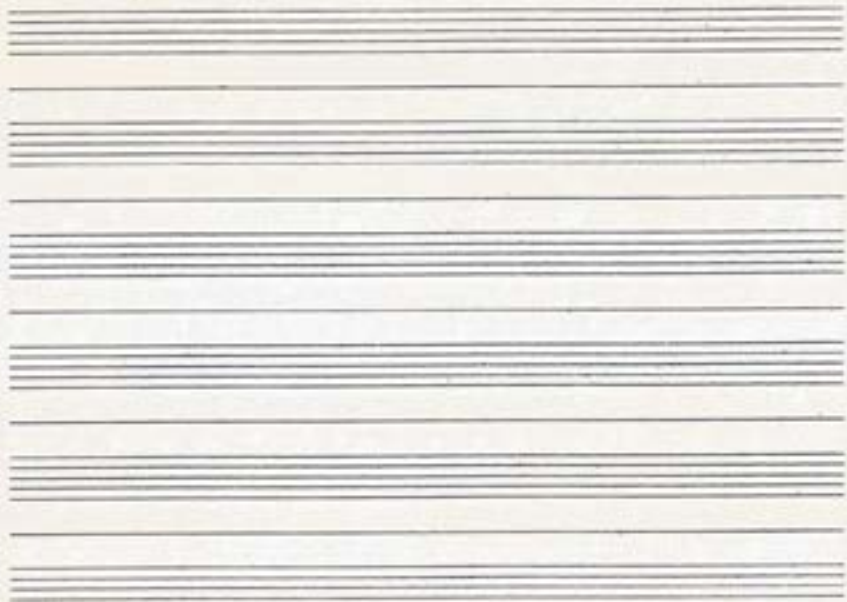
Os pei-tos ca-ti-vos que-jun-to ser for-ros u-ra-rom ca-



la-los sal-tu-ra dos mor-ros D'al-tu-ra dos mol-ros, D'al-tu-ra dos



mor-ros



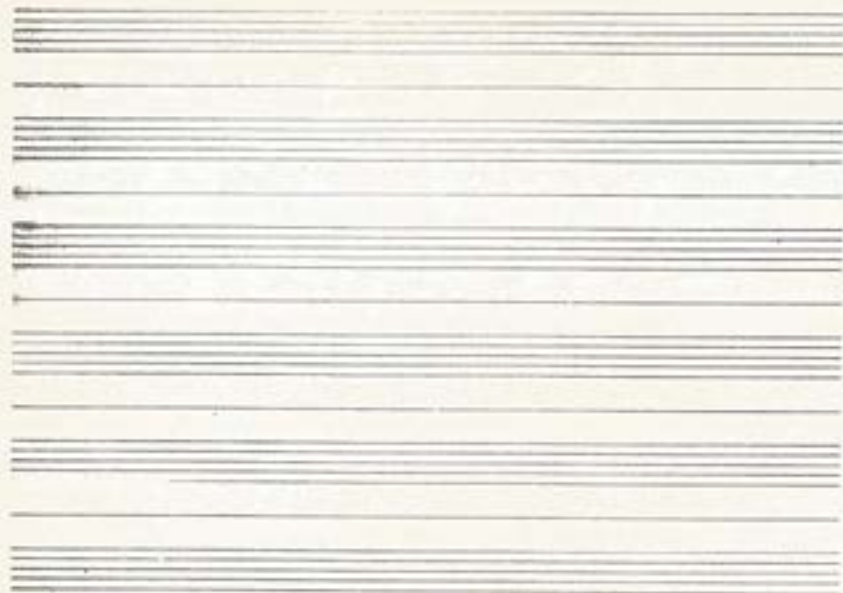
Recitativo (Abare falando)
Julgamento de Frei Gregório

Be- fui à la-da-i-mha Rai-gue-ja de São
Ben-to A por-tas-ta na fe-cha-da E o
San-to cho-ra-ra den-tro fon-qui-ro Eu
fui à la-da-i-mha Rai-gue-ja de São Ben-to A
por-tas-ta na fe-cha-da E o Pa-dre cho-ra-ra
den-tro Gre-gó-rio

Incolência

moderato

In-cô-lin-cia mi-nha não sem-pre-eli-a a vo-
ga-a de in-cô-nha. Des-an-jo-a dos es-tu-dos con-ve-
a - do, re-x - nha, des-an-jo-a dos es-tu-dos con-ve-
a - do. De-us in-ce-lên-cias mi-nha



Cântico recomenda

moderato

Deus vos dê o céu e a gló-ri-a Pa-ra sempre agra-
ças, ai, ai Pa-dre nos-so Ma-ri-a
Qu' vos pe-gu pra' or-ação, ai, Pe-gra to-da por re-
gras, ai, ai Pa-dre nos-so Ma-ri-a
Pra' al mundo on-fre-ca-dos, ai O-fre-ca-se ca-
men-dai, ai Deus vos dê o céu e a gló-ri-a
Pa-ra sempre agra-ças, ai, ai



QUEIMADOS